



Autor: Márcia Godinho Marques

Orientador: Psic. Dnd. Márcia Pereira Bernardes

**A PEDAGOGIA MORENIANA NO ENSINO DA PEDAGOGIA MORENIANA NA
FORMAÇÃO DE PSICODRAMATISTAS**

FLORIANÓPOLIS
Janeiro/ 2016



MÁRCIA GODINHO MARQUES

**A PEDAGOGIA MORENIANA NO ENSINO DA PEDAGOGIA MORENIANA NA
FORMAÇÃO DE PSICODRAMATISTAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Psicodramatista Didata Nível II,
foco Socioeducacional, pela Escola Locus Psicodrama e
Federação Brasileira de Psicodrama. FEBRAP.
Orientadora: Psic. Dnd. Márcia Pereira Bernardes

FLORIANÓPOLIS
Janeiro/ 2016

A PEDAGOGIA MORENIANA NO ENSINO DA PEDAGOGIA MORENIANA NA
FORMAÇÃO DE PSICODRAMATISTAS

Márcia Godinho Marques

Esta monografia foi julgada e aprovada para a
obtenção do título de Psicodramatista Didata Nível II
– Foco Socieducacional, no curso de formação da
Escola Locus Psicodrama.

Banca Examinadora

Psic. Dnd. Márcia Pereira Bernardes
Psicodramatista Didata Supervisora
Presidente

Psic. Dnd. Márcia Pereira Bernardes
Psicodramatista Didata Supervisora
Professor Orientador

Psic. Herialde Oliveira Silva
Psicodramatista Didata Supervisora

Psic. Mariana de Fátima F. Bertussi
Psicodramatista Didata Supervisora

Florianópolis, 29 de janeiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A Ricardo Moreno, pela presença amorosa, cúmplice e respeitosa.

A Nícolas, por me presentear com o papel de mãe.

À minha família de origem e ancestrais, pela vida.

À minha orientadora Márcia Bernardes, pela acolhida, incentivo e importante contribuição no processo de tornar possível este trabalho.

À banca examinadora, pela presença valiosa neste momento.

Aos meus alunos, pela confiança: gratidão!

RESUMO

Este estudo surgiu do interesse da autora em refletir, aprimorar e compartilhar sua preocupação sobre o módulo Didática II, do curso de formação em Psicodrama da Escola Locus, que tem como objetivo aproximar os alunos em formação psicodramática nível I da pedagogia moreniana.

O trabalho revisita a história da educação e o seu desenvolvimento ao longo dos tempos, com suas tendências em cada momento, seus principais estudiosos, filósofos e pedagogos que influenciaram a visão de Homem, da sociedade e da educação.

Apresenta os princípios fundantes do psicodrama e o desenvolvimento do olhar psicodramático no ensino, caminho percorrido por Moreno e seus seguidores, que serviu de base para a investigação feita neste um estudo monográfico.

A partir dos registros da aula apresentada, em cada uma de suas etapas e do processamento dos resultados, teceram-se as discussões deste trabalho.

Palavras-Chave: pedagogia, educação, didática, psicodrama, pedagogia moreniana.

ABSTRACT

This study grew out of the author's interest to reflect, improve and share their practice in recent years as a teacher of the discipline of didactic II, one of the training course subjects in Psychodrama in Locus School, which aims to bring students into training level I in psychodrama of Moreno's pedagogy.

The work revisits the history of education and its development over time, with trends in every moment of history, its leading scholars, philosophers and educators who influenced the vision of man, society and education.

Presents the founding principles of psychodrama and the development of psychodrama look at education path followed Moreno and his followers, who formed the basis for the research done in this one case study.

From the class of the records in each of its steps and the processing of the results, wove up the discussions of this work.

KEY WORDS: Education, Didactic, Psychodrama, Morenian Pedagogy.

SUMÁRIO

RESUMO
ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	
1.1 ORIGEM DO TRABALHO	8
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo geral	9
1.2.2 Objetivos específicos	9
1.3 JUSTIFICATIVA	9
1.4 PROBLEMÁTICA	11
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO MONOGRÁFICO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 EDUCAÇÃO	13
2.1.1 História da educação	13
2.1.2 História da educação no Brasil	17
2.1.3 Prática educativa e sociedade	18
2.1.4 O papel do professor	20
2.2 PSICODRAMA	23
2.2.1 Apresentação do Psicodrama	23
2.2.2 Princípios Fundantes: Conceitos	26
2.3 DA DIDÁTICA À PEDAGOGIA MORENIANA	34
2.3.1 O olhar psicodramático no ensino: o caminho percorrido de Moreno a Maria Alícia Romãna	39
2.3.2 O Psicodrama no ensino do Psicodrama	44
2.3.3 O professor moreniano ou o educador moreniano	48
2.3.4 Planejamento da disciplina e a Pedagogia Moreniana	47
2.4 AS INSTITUIÇÕES FORMADORAS DE PSICODRAMATISTAS	50
2.4.1 A Federação Brasileira de Psicodrama – FEBRAP	50
2.4.2 As federadas	51
2.4.2.1 A federada Locus	51
2.4.3 Diretrizes	52
3 METODOLOGIA	56
4 APRESENTAÇÃO DA AULA E DISCUSSÃO	57
5 CONCLUSÃO	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIA	76
ANEXOS	80

*Pode-se esquecer o que um professor ensinou,
mas raramente se esquece a maneira como ele ensinou.*

Marcio Kühne

1 INTRODUÇÃO

1.1 A ORIGEM DO TRABALHO MONOGRÁFICO

O Psicodrama é o método do Projeto Socionômico de Jacob Levy Moreno, estruturado como metodologia terapêutica e educacional. O propósito da formação de Didata Nível II está centrado na formação de professores e de terapeutas de aluno. Já no Nível I, a busca recai na formação de diretores psicodramatistas voltados para a ação em todas as suas áreas de aplicação, inclusive a socioeducacional. Para tanto, em seu conteúdo programático, encontra-se a disciplina denominada, na escola Locus, Didática II, responsável por ensinar os alunos da pedagogia moreniana.

A educação engloba os processos de ensinar e aprender e sempre esteve presente nas sociedades e grupos, sendo responsável pela transmissão e manutenção da cultura para as gerações seguintes. Passou por diversas fases na história da humanidade, cada uma com as características próprias do momento histórico político, social e cultural do seu local.

No Brasil, a educação passou por diversas fases. Segundo Ferreira (1966), o período da educação jesuítica, com a chegada dos jesuítas após o descobrimento do Brasil, deu início à catequese indígena cujo método pedagógico perdurou por mais de 200 anos, até as várias reformas educacionais que aconteceram a partir do momento em que a educação passou a ser responsabilidade do estado, quando, cada estado passou a elaborar a sua reforma de acordo com a realidade e a necessidade do local. Nessa época, novos educadores, escritores, pensadores e pedagogos passaram a influenciar a educação.¹

Um desses pensadores foi Jacob Levy Moreno, que estudou o homem na perspectiva relacional: o ser humano é um ser em relação. Assim, abordar a aprendizagem psicodramática, primeiramente envolve referir-se ao homem moreniano como sujeito do conhecimento.

Entretanto, vários são os entraves para isso e tendo participado de aulas em uma das escolas de formação em Psicodrama, alguns questionamentos surgiram, entre eles as didatas, como se seria possível lecionar todas as disciplinas do curso sob o enfoque da pedagogia moreniana, inclusive a disciplina Didática.

¹ Paulo Freire, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo fizeram parte do movimento Escola Nova ou Escolanovismo.

Tais reflexões levaram à motivação e ao interesse na escrita deste trabalho, que se propõe a “refletir sobre a utilização da pedagogia moreniana na formação de psicodramatistas através do ensino da disciplina Didática”.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Refletir sobre a utilização da pedagogia moreniana na formação do psicodramatista no ensino do psicodrama.

1.2.2 Objetivos específicos

- Contribuir no aprimoramento do ensino da pedagogia moreniana nas aulas de psicodrama;
- identificar as dificuldades e as facilidades encontradas na aplicação da metodologia;
- apresentar uma aula sobre a disciplina de Didática de acordo com a pedagogia moreniana;
- compartilhar, com outros didatas, questionamentos e alternativas, bem como proposições, para um contínuo aprimoramento do papel do didata.

1.3 JUSTIFICATIVA

É fazendo que se aprende aquilo que se deve aprender a fazer.
Aristóteles

O psicodramatista, no início do seu trabalho, apresenta grande preocupação com o método, levando em conta principalmente o aspecto operacional da obra de Jacob Levy Moreno. Contudo, é de grande importância que também exista a atenção ao caminho para se chegar ao fim, bem como ao término do trabalho. Assim, se estará aprofundando no conhecimento da alma humana.

Como se constrói o papel do didata socioeducacional no ensino da pedagogia moreniana? Na condição de “aprendiz” no role talking do papel, muitas vezes, essas questões são objeto de reflexão, tornando-se esse o tema mobilizador para a confecção deste trabalho.

Bustos (2005) afirma que Moreno indica um caminho possível para a compreensão da sua obra ao abordar esse conceito, pois “método significa caminho para se chegar a um fim”, enquanto que “técnica indica uma maneira de fazer alguma coisa ou parte material de uma obra”.

Moreno criou uma metodologia de ação, que define o campo do trabalho dramático. Assim, o psicodrama trabalha com a ação (ação – drama), estando o corpo mais exposto do que os métodos verbais.

Moreno, ao utilizar a expressão “por meio da ação”, convida à compreensão dessa ação; em cujo movimento repousam aspectos verbais, afetivos e gestuais, facilitadores da compreensão integral dos códigos da referida ação.

Assim, a proposta moreniana aplicada à educação mantém o olhar de Homem moreniano; “espontâneo, criativo e sensível”; o homem como um ser cósmico que está em relação com outros homens, com a natureza, com o cosmos e com ele mesmo. Entendia Moreno que, desde muito cedo, na vida do ser humano civilizado, existia forte tendência para desviar-se do crescimento natural pela imposição de padrões e exigências sociais.

Em relação ao psicodrama na educação, Moreno, em *Psicodrama* (1946), reeditado pela Cultrix, em 1985, já mencionava que começaria com a criança, no ambiente educacional, na forma embrionária desde o jardim de infância:

Toda a escola primária, secundária e superior deve possuir um palco de psicodrama como laboratório de orientação que trace diretrizes para seus problemas cotidianos. Muitos problemas que não podem ser resolvidos na sala de aula podem ser apresentados e ajustados ante o fórum psicodramático, especialmente concebido para essas tarefas. (Moreno, 1985, p. 197).

Moreno sempre esteve à frente de seu tempo e, passados vários anos, muitos psicólogos e educadores passaram a desenvolver e a confirmar a eficácia do seu pensamento. No Brasil, Wechsler (1999) estudou e trouxe significativas correlações entre o conhecimento e o psicodrama:

A abordagem psicodramática possibilita ao homem lidar com o conhecimento de forma reflexiva e criativa, enfatizando mais o processo de produção do que o produto pronto. Entretanto, o produto reflete o processo, referendando-o e/ou transformando-o.

Ao harmonizar o conhecimento com a experiência viva e vivida, mostra uma alternativa de ensino, permitindo que os alunos se tornem agentes ativos, conscientes e críticos, potencia a própria transformação pessoal e social [...] tal como o paciente deve ser protagonista da sua própria cura, o aluno deve ser agente

ativo na sua aprendizagem, e ao professor caberá a importante tarefa de lhe proporcionar a aprendizagem desse papel. (apud Mendes, 1994, p 121).

Moreno deixou impresso: “Tu és gênio, tu sabes, cria o conhecimento dentro de ti, descobre-o. Sê espontâneo”. Mais do que ensinar, é o ato de descobrir; mais do que passar fórmulas e conceitos prontos para o aluno passivo, é criar um espaço onde possa nascer o que se tem de melhor, partindo de suas experiências, dando as condições adequadas para cada um descobrir sua sabedoria, seu conhecimento.

Perazzo apresentou no VI Congresso Ibero-americano de Psicodrama em Buenos Aires (2003), o trabalho “A Ética no Ensino do Psicodrama”, salientando sua preocupação em relação à coerência e à qualidade do ensino de psicodrama, o que chamou de “ética”. Levantou alguns questionamentos, entre eles: “os professores de psicodrama dramatizam em seus locais de trabalho (consultórios, instituições), fornecendo um modelo psicodramático vivo e vivencial aos seus alunos? É ético não fornecer esse modelo”?

A aplicabilidade da pedagogia moreniana no ensino do psicodrama para psicodramatistas através da disciplina de Didática será o tema discutido neste trabalho, por se entender que o ensino não pode ser definido como simplesmente transmissão de conhecimento, na medida em que adquirir um saber é integrá-lo à personalidade, levando a uma nova resposta, integrando emoção e razão.

Além disso, cabe ao professor ter a clareza de que a responsabilidade de ensinar psicodrama deve ser acompanhada de coerência com os princípios do psicodrama desenvolvidos por seu criador, Moreno, o que nem sempre parece ser uma tarefa fácil.

1.4 PROBLEMÁTICA

Como ensinar pedagogia moreniana utilizando a própria pedagogia moreniana?

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO MONOGRÁFICO

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 1, a Introdução apresenta a origem do trabalho e os objetivos gerais e específicos. No Capítulo 2, a Fundamentação Teórica apresenta, no primeiro momento, a Educação, construindo a história da educação nas sociedades humanas e suas transformações até os nossos dias no mundo e no

Brasil; a prática educativa em cada sociedade e em cada contexto histórico e as contribuições da didática e da pedagogia nas mais diversas vertentes teóricas para o desenvolvimento do papel do professor. Em seguida, será apresentada vida e obra de Moreno com os princípios fundantes de sua criação: o Psicodrama, ampliando e desenvolvendo para o olhar psicodramático no ensino. A Pedagogia Psicodramática ou Pedagogia Moreniana no ensino do psicodrama, bem como o papel do professor psicodramático, serão abordados na sequência. Por se tratar de uma das escolas formadoras de psicodrama, serão apresentadas as diretrizes das instituições federadas pela Federação Brasileira de Psicodrama – FEBRAP.

O Capítulo 3 refere-se à Metodologia do Trabalho; o Capítulo 4, à Apresentação da Aula e Discussão. No capítulo 5, será apresentada a Conclusão e, no Capítulo 6, encerra-se com as Considerações Finais do trabalho desenvolvido.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO

A educação pode ser considerada como o “Conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito”. Em outras concepções, como “Conhecimento e prática dos usos da gente fina. Instrução, polidez, cortesia”.²

No seu sentido mais amplo, educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. Portanto, a educação vai se formando através de situações presenciadas e de experiências vividas pelo indivíduo ao longo da sua vida.

2.1.1 História da educação

A história das sociedades humanas mostra que os grupos sempre existiram. Na atualidade, vem se dando cada vez mais ênfase aos processos grupais, o que torna o conhecimento sobre os mesmos um instrumento valioso e até mesmo imprescindível, em termos de eficácia para atingir objetivos ou realizar tarefas, e a escola é um espaço onde se pode perceber como se dão as relações grupais e individuais, os conflitos e as dificuldades que acompanham os relacionamentos humanos.

Fala-se muito no papel da Educação, na crise do ensino, nas dificuldades em lidar com os alunos em sala de aula e muitas são as teorias que discutem as questões que envolvem o universo da escola desde os primórdios da educação no mundo.

Monroe (1972) apresenta a trajetória e as transformações da educação desde os povos primitivos até chegar à fusão das tendências psicológica, científica e sociológica; tendência do pensamento educacional atual.

Os povos primitivos já lidavam com a educação em sua mais simples forma, como, por exemplo, no treino dos processos de obtenção de alimento, vestiário e de abrigo. A criança brincava com imitações, com miniaturas dos instrumentos usados pelos adultos. Na outra fase da vida primitiva, o valor educativo estendia-se aos jovens, que aprendiam os

² Conceito de Educação segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

rituais das cerimônias, danças e práticas de feitiçaria, bem como aprendiam a participar das cerimônias de iniciação com grande valor educativo. Os homens considerados capazes de feitiçarias, de apaziguar espíritos, passaram a pertencer a uma classe especial, possuidora de um poder sobrenatural, chamados de xamãs, feiticeiros, curandeiros ou homens que consultam os espíritos familiares. Eles foram os professores mais primitivos.

O segundo estágio do desenvolvimento educacional está representado pelos povos orientais, ainda guardando características primitivas.

A educação chinesa formal concentra-se no domínio da linguagem e da literatura. É uma escrita ideográfica (ideias) e não fonética. O trabalho escolar consiste no domínio dos textos sagrados: obras de Confúcio (551-478 a.C.) e seus discípulos, que constituem a base da religião fundamental dos chineses.

A principal característica oriental é a reprodução e a conservação do passado, mediante a supressão da individualidade. A educação grega traz, pela primeira vez, a oportunidade do desenvolvimento individual, sugerindo o conceito do que se denomina hoje de educação liberal: educação digna do homem livre. É deles também a ideia de personalidade, de inteligência em todas as fases da vida e o conceito de homem como um ser racional, sendo dever de cada indivíduo conhecer-se a si próprio (Sócrates).

Na Idade Média, a educação passou a ter um novo ideal, o da educação cristã: natureza moral do homem no lugar da natureza intelectual, harmonizando, assim, os fatores sociais.

A educação humanista nasceu com o movimento intelectual, estético e social dos séculos XV e XVI, o Renascimento, razão de profundas modificações em todas as fases do pensamento e da prática educativa; objetivava reformar a sociedade e a igreja. Desenvolveu o interesse pela natureza, levando ao movimento Realista.

Modificações sociais durante os séculos XVI e XVII destruíram as bases práticas da educação humanista; uniram-se teorias educacionais, religiosas e psicológicas para exigir a sua perpetuação, sendo o grande representante John Locke, que elaborou a aplicação da teoria com relação ao treino físico, moral e intelectual.

No século XVI, o movimento conhecido como Realismo Pedagógico reuniu vários educadores, leigos e religiosos que consideravam de grande importância os conteúdos literários, música, história e matemática. Todo esse movimento trouxe mudanças na prática educativa formal. Segundo Oliveira (2009, p. 30):

Comenius propôs um ensino unificado, pautado em uma educação realista e permanente; um método pedagógico rápido, econômico e sem fadiga e um ensino a partir de experiências cotidianas. O pensador considerava que o ensino verdadeiro

tem como referência a natureza, e almejava que todos os seres humanos alcançassem a libertação promovida pela educação.

O nascimento da escola institucionalizada se dá a partir do Renascimento e da Idade Moderna, ainda no século XVI, no Ocidente Europeu. Nesse período, passou a ser exigido o confinamento de alunos em internatos, a separação por idades, a graduação em séries, a organização dos currículos, bem como os recursos de materiais didáticos.

Para Aranha (1996), “a escola semelhante àquela que conhecemos é uma criação da burguesia do século XVI, época em que surge o sentimento de infância e de família”.

Paul Monroe (1972) ensina que o pensamento educacional do presente procura resumir os movimentos dos últimos tempos, reorganizando e relacionando os princípios essenciais de cada movimento num todo harmonioso.

Assim, na história da educação, cada movimento exerceu sua influência particular sobre o método, a finalidade, a organização e o conteúdo. As mudanças frequentes de conteúdo, método e organização levaram ao entendimento de que foram consideradas e reconhecidas novas verdades derivadas do conhecimento da vida e da natureza sempre suscetível de expansão.

No século XVIII, Jean Jacques Rousseau (1712-1778), grande filósofo suíço do Iluminismo, apresentou novas ideias ao modo de ver e tratar as crianças, dizendo que a principal finalidade da educação era de ensinar a criança a aprender e a exercer a liberdade. Acreditava que esse processo não era algo que vinha de fora, e sim da expressão da criança frente aos fatos vivenciados. Defendia que as prioridades para a educação das crianças deveriam ser os brinquedos e os esportes, e que as atividades como linguagem, canto, aritmética e geometria, deveriam estar relacionadas com a vida cotidiana.

Rousseau desenvolveu a ideia de que a educação é vida, que deve centra-se na criança e encontrar sua finalidade no indivíduo e em cada estágio particular de vida.

Johann H. Pestalozzi (1746-1827) contribuiu com o entendimento de que o trabalho educativo eficiente depende do conhecimento atual da criança e de uma genuína empatia por ela; que a educação é um crescimento de dentro e não uma série de acréscimos de fora; que esse crescimento é resultado das experiências e atividades vivenciadas pela criança; acreditava que os sentimentos tinham o poder de despertar o processo de aprendizagem autônoma da criança.

John Friedrich Herbart (1776-1841) desenvolveu um processo científico de instrução com base científica na elaboração do currículo, e a ideia da formação de caráter como alvo da

instrução a ser alcançado cientificamente por meio do uso do método e do currículo conforme eram definidos. Foi considerado o precursor da psicologia experimental aplicada à Pedagogia.

Friedrich Froebel (1789-1852) trouxe a verdadeira concepção da natureza da criança; a interpretação de que o ponto de partida da educação está na tendência da criança para a atividade. Foi o criador dos jardins de infância, sendo a escola, para o filósofo, o lugar onde a criança devia aprender as coisas importantes da vida, os elementos essenciais da verdade, da justiça, da personalidade livre, da iniciativa. Os brinquedos tornar-se-iam a base do processo educacional nos primeiros anos, quando tais valores seriam vivenciados e não apenas estudados.

Da tendência científica veio a insistência por uma revisão de educação liberal, uma nova definição exigida pela vida atual e convicta insistência sobre o ponto de vista sociológico, para que o ensino industrial, técnico e profissional fosse introduzido em todos os estádios da educação, contribuindo para o desenvolvimento do homem livre, um cidadão plenamente desenvolvido.

Muito tempo se passou desde que Platão (427-347 a.C.), na antiguidade Clássica, entendia educar como “deixar desabrochar o potencial de dentro de cada um, uma vez que o conhecimento se localizava nas estruturas do sujeito, sendo a criança concebida a priori como um adulto em miniatura” (Wechsler, 1999). Essa crença permaneceu durante anos até que uma mudança radical se efetuou, transformando a experiência em um novo expoente para o conhecimento. Assim, todos os conhecimentos eram localizados fora do sujeito, pertencendo ao mundo dos objetos, e o sujeito passou a ser considerado uma “tábula rasa” (John Locke, 1632-1704).

Somente com o filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778), a partir do século XVIII, o conhecimento começou a ser pensado a partir da interação que o sujeito estabelecia com o mundo ao seu redor. A criança era concebida como um ser ativo, explorador, que construía seu próprio saber, mediante a interação com outros sujeitos e objetos inseridos em seu meio social e cultural. Esse pensador propôs uma nova concepção de ensino, baseada nas necessidades e interesses imediatos da criança.

Sendo assim, a partir deste século floresceu o estudo sistemático do desenvolvimento infantil, quando pensadores como Freud e Piaget exerceram forte influência sobre o Behaviorismo, atribuindo ao condicionamento e à aprendizagem decorrente toda a trajetória do conhecimento adquirido.

Olhando para todo o processo histórico, com todas as influências de tantos outros educadores aqui não citados como Pestalozzi, Montessori, Dewey. O que se pode dizer das

concepções dos educadores atuais? Pode-se afirmar apenas que essas ideias ainda estão sendo gestadas no nosso século, do ponto de vista da prática educacional.

2.1.2 A história da educação no Brasil

No Brasil, a história da educação passa a ser contada a partir da chegada dos jesuítas, com a descoberta do país e a chegada dos portugueses que fundaram a escola das primeiras letras e os colégios formadores para sacerdócio (1549). Por mais de duzentos anos, os jesuítas estiveram à frente com seu método pedagógico, caracterizado por ensinamentos dos valores cristãos. E, apenas, com a chegada da família real portuguesa, em 1808, a escola passou a ser organizada para servir aos interesses da coroa. Nesse período, foram abertas escolas militares, de direito e medicina.

A partir de 1889, com a Proclamação da República, o ensino leigo tornou-se prioridade nas escolas públicas, quando o país passou por outro momento de mudanças políticas e sociais levando, conseqüentemente, a outras reformas educacionais. Assim, o Brasil entrou no século XX, realizando várias reformas educacionais, entre elas, a de que cada estado pudesse ter liberdade de adaptar o ensino de acordo com a sua realidade e necessidade social.

Os movimentos sociais seguiram, e o Golpe Militar de 1964 trouxe um longo período de repressão. A educação também sofreu as conseqüências desse momento político. Muitos pedagogos, professores e escritores³ foram perseguidos por suas ideias inovadoras, no entendimento das classes dominantes. Eles fizeram parte do movimento que ganhou impulso na década de 1930, após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Nesse documento, defendiam a universalização da escola pública, laica e gratuita.

A educadora Amélia Hamze (2012) explica como aconteceu a renovação do ensino nessa época:

No Brasil, as ideias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). John Dewey, filósofo norte americano influenciou a elite brasileira com o movimento da Escola Nova. Para John Dewey, a Educação é uma necessidade social. Por causa dessa necessidade, as pessoas devem ser aperfeiçoadas para que se afirme o prosseguimento social, e, assim sendo, possam dar prosseguimento às suas ideias e conhecimentos. [...] A Escola Nova, movimento de renovação do ensino, foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na

³ Entre eles: Paulo Freire, Anísio Teixeira (1900-1971), Cecília Meirelles (1901-1964) - professora e escritora, Fernando de Azevedo (1894-1974) - que aplicou a Sociologia da Educação e reformou o ensino em São Paulo na década de 1930; Armanda Álvaro Alberto (1892-1974) - educadora e militante feminista e Lourenço Filho (1897-1970) - professor.

primeira metade do século XX. [...] O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro.

Dewey acreditava na relação entre teoria e prática, que o conhecimento é construído por consensos a partir de discussões coletivas e que “o aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de ideias”. (Revista *Nova Escola*, nº 159, fev. 2003).

A Escola Nova apresentou o caráter científico das novas técnicas, amparadas no conhecimento da Sociologia, Psicologia, Biologia e Pedagogia.

Para Cordeiro (2001):

A concretização dos ideais de educação de Anísio Teixeira extrapolou os valores e as práticas da chamada ‘escola nova’ e da ‘escola ativa’, fazendo incursão no sentido da dimensão dialética e histórico crítico que viriam desabrochar no Brasil a partir da década de 60, até os anos atuais.

O atual processo de globalização diz respeito a profundas mudanças no campo econômico, político, sociocultural e tecnológico, caracterizando assim o atual contexto em que vive o ser humano. Esse processo de mudança tem sido analisado sob várias perspectivas e por vários estudiosos da educação, evidenciando sua interferência na vida dos indivíduos.

Diante desse cenário, mais uma vez, a proposta de investigação social de Moreno, com sua preocupação com as relações, se faz presente.

2.1.3 Prática educativa e sociedade

As escolas serão o que forem seus professores!
Anísio Teixeira (Escola Nova)

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo pelo qual os membros de uma sociedade são preparados para o convívio social. Logo, a educação, ou prática educativa, é um fenômeno social universal, indispensável no funcionamento de todas as sociedades, acontecendo nas mais variadas esferas da vida: famílias, grupos sociais, associações profissionais e comunitárias, igrejas, empresas, meios de comunicação etc.

Isso significa que a educação é parte integrante das relações sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade; que é dinâmica e que está em constante transformação, uma vez que se constitui pela ação humana na vida social. Assim, através da ação educativa, o

ciclo se completa: o meio social exerce influências sobre os indivíduos, e esses tornam-se capazes de exercer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social.

Os estudos que tratam das diversas modalidades de educação costumam caracterizar as influências educativas em não intencionais e intencionais.

A educação não intencional refere-se a influências do contexto social e do meio sobre os indivíduos. São as influências da educação informal, como os processos de aquisição de conhecimentos, experiências, ideias, valores e práticas passadas mediante situações espontâneas, casuais, não organizadas.

A educação intencional, por sua vez, refere-se a influências em que existe a intenção, o objetivo definido conscientemente, planejado.

Tanto a prática educativa formal como a informal, sejam intencionais ou não intencionais, escolares ou extraescolares se interpenetram, pois o processo educativo onde quer que se dê é sempre contextualizado e integrante das relações sociais, das formas de organização social. Assim:

A prática educativa, a vida cotidiana, as relações professor-aluno, os objetivos da educação, o trabalho docente, nossa percepção do aluno estão carregados de significados sociais que se constituem na dinâmica das relações entre as classes, entre os grupos religiosos, entre os homens e mulheres, jovens e adultos. (Libâneo, 1991).

No artigo escrito por Wechsler (1999), em seu artigo Educação para o século XXI: Métodos de Ação, considerando os ensinamentos filosóficos, teóricos e metodológicos de Jacob Levy Moreno, aborda a educação, os novos paradigmas e o psicodrama, elencando as transformações que a educação vem passando ao longo da história da humanidade e tecendo com muita clareza as implicações de todo esse processo de mudança na sociedade. A psicodramatista salienta, ainda, nos seus estudos, que pensar sobre a educação e as práticas educativas é percorrer sua trajetória ao longo da história, buscando responder o **que é** educar, **para que** educar e **como** educar.

Por outro lado, Saltini (1997, p. 33) argumenta que a educação está ligada por paradigmas que transformarão a escola em um espaço de encontro de ideias, fantasias, descobertas, invenções, desejos e sonhos, permitindo, assim, tanto a construção de símbolos, valores e significados existenciais, quanto a criação de elos entre o mundo interior e exterior. O autor também pontua que a nova percepção ecológica do planeta mudará a atitude frente aos objetos externos, que, interiorizados pelo sujeito, podem levar à vida ou à morte, tais como o ar, os alimentos, as drogas, acarretando novas ações em relação ao que se vive. Ainda

acrescenta que “a dinâmica (energia), os instrumentos cognitivos (estruturas) e as operações mentais e as figurações (cenas) são de importância vital para a construção de um saber”.

Assim aceitos, ainda segundo Saltini (1997, p. 34),

[...] os novos paradigmas mudarão: a postura educativa; os objetivos da educação; os eixos referenciais da educação (informar conteúdos, pensar, construir, criticar, inovar, inventar, descobrir, transformar); os níveis de autonomia intelectual, moral e de responsabilidade, além do respeito com o Ser Humano em termos de leis e normas; desenvolvimento da transdisciplinaridade e do pensamento complexo a serviço da educação.

Todas essas premissas já foram pensadas por Moreno (1946), quando disse:

Toda a escola primária, secundária e superior deve possuir um palco de Psicodrama como laboratório de orientação que trace diretrizes para os seus problemas quotidianos. Muitos problemas que não podem ser resolvidos na sala de aula podem ser apresentados e ajustados ante um fórum psicodramático [...] o estabelecimento de unidades psicodramáticas nas instituições de ensino não é apenas exequível, mas imperioso. (Moreno, 1997, p. 197).

O psicodrama, que apresenta uma proposta social, com aplicações nos mais variados campos, desde cedo, preocupava-se com o contexto educativo.

Rubem Alves (2010), pedagogo e psicanalista, aproxima-se de Moreno quando considera que a principal tarefa da escola e dos educadores é despertar e cultivar a criatividade e a espontaneidade dos alunos. Sempre estudou, refletiu e questionou a educação com importantes críticas e novos olhares:

Minha filosofia da educação pode ser resumida assim: o objetivo é aumentar as possibilidades de prazer e alegria. O objetivo último da educação é ajudar-nos a permanecer crianças, ajudar-nos a brincar sem nos machucar.

A responsabilidade social da escola e dos professores é muito grande em qualquer contexto de ensino, seja nos primeiros anos de escolarização, no ensino médio, universitário ou nas especializações, melhor dizendo, em todo e qualquer ambiente de ensino.

2.1.4 O papel do professor

*A tarefa do professor é a mesma que a da cozinheira:
antes de dar a faca e o queijo ao aluno, provocar a fome.*
Rubem Alves

O trabalho docente ocupa-se da instrução, da educação e do ensino como elementos do processo pedagógico escolar.

Para Libâneo (1991), “o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade”, sendo a característica mais

importante dessa atividade profissional a mediação entre aluno e sociedade. O autor coloca ainda que o sinal mais indicativo da responsabilidade do professor é seu permanente empenho na instrução e educação dos seus alunos.

Demo (2004) apresenta como deveria ser o perfil do professor do futuro, diante dos desafios atuais da educação e do conhecimento:

1 Professor é, na essência, pesquisador, ou seja, profissional da reconstrução do conhecimento, tanto no horizonte da pesquisa como princípio científico, quanto sobretudo no da pesquisa como princípio educativo e aprendizagem. Ser professor é substancialmente saber ‘fazer o aluno aprender’.

2 Professor precisa ser formulador de proposta própria, ou seja, precisa saber elaborar com autonomia. Enquanto sua função de socializador do conhecimento decresce e será substituída em grande parte, aumenta o desafio formativo, tipicamente educativo, de fundamentar a emancipação própria e dos alunos.

3 Professor atualizado não valoriza apenas o legado teórico, mas sabe fazer da prática trajetória de reconstrução do conhecimento, desde que a saiba teorizar. Teorizar a prática significa não separar a produção do conhecimento frente à realidade, como se, para estudar fosse mister deixar o mundo e ir para a universidade. Na verdade, a aprendizagem sempre começa com a prática, que logo é teoricamente confrontada. Afinal de contas, a importância decisiva do conhecimento hoje se deve, não ao fato de ser procedimento de estudo da realidade, mas precisamente de ser a maneira mais competente de intervenção. Decisivo não é ‘fazer’, mas ‘saber fazer’, já que é mister sempre ‘refazer’.

4 Professor precisa compor-se com a atualização permanente, porquanto, se o conhecimento, de um lado, é aquilo que a tudo inova, do outro lado da mesma moeda é aquilo que a tudo envelhece. Nada envelhece mais rápido que o conhecimento inovador.

5 Professor precisa afeiçoar-se com a instrumentação eletrônica.

6 Professor moderno carece tornar-se interdisciplinar. O conhecimento não deixará de ser especialidade, sobretudo quando profundo, sistemático, analítico, meticulosamente reconstruído. Interdisciplinaridade não pode significar a acumulação de incompetências, mas precisamente o contrário.

7 É preciso redefinir o professor pela via da aprendizagem, não da aula. Professor é, primeiro, quem sabe aprender com virtudes comprovadas e reconhecidas. Segundo, é quem sabe fazer o estudante aprender.

Sabe-se que várias dimensões do ser humano estão presentes no ato de aprender, como a afetiva, a social e a corporal, mas nem sempre esses fatores são levados em conta, constituindo um empobrecimento do processo de ensino-aprendizagem. Para que esse processo seja efetivo, o aprender deve ser agradável, permeado de sentimentos positivos do aluno em relação à aprendizagem, podendo também expressar o que sente tanto verbal como corporalmente.

Nesse sentido, não se pode deixar de considerar as questões das relações professor-aluno na situação de aprendizagem, onde também se evidenciam as “conservas culturais”⁴, que se referem às maneiras estereotipadas de pensar e agir presentes em nosso meio social e cultural, os modelos cristalizados encontrados ainda na educação escolar, mesmo diante de tantos avanços da ciência e tecnologia.

Madalena Freire, pedagoga e pesquisadora na área de educação, autora do livro *A paixão de conhecer o mundo*, diz que o “educador educa a dor da falta, cognitiva e afetiva... educa a fome de desejo”. Complementa sua visão sobre o sentido dramático da aprendizagem, colocando que “um dos sintomas de estar vivo é a nossa capacidade de desejar e de nos apaixonar, amar e odiar, destruir e construir, movidos pelo desejo de crescer e de aprender”. Complementa ainda dizendo que, para o educador, é preciso o desejo de ensinar, tendo como instrumental importante o olhar, a escuta e a fala.

O olhar como ação altamente reflexiva, pois através do seu olhar o educador lança seus desejos para o outro. Ao escutar, não basta apenas ter ouvidos, pois é preciso receber do ponto de vista do outro, que poderá ser diferente ou similar ao do professor, abrindo-se para o entendimento de sua hipótese, identificando-se com a sua hipótese para poder compreender. E para falar, não basta ter boca, é preciso o desejo de comunicar-se com o outro. Em cada uma dessas ações, escutar, falar e ouvir, encontramos uma via de mão dupla, onde o outro, o aluno, está complementando cada uma dessas ações. O ser humano é marcado pela necessidade de construir a sua compreensão da realidade e sua forma de atuação sobre ela, porque não nasce, como os outros animais, com inscrições instintivas que o preparam para enfrentar a inserção e ação no mundo.

Na natureza, o João-de-Barro já nasce sabendo como construir sua casa, mas o homem, em sua dependência extrema ao nascer, cedo inicia sua trajetória de aprendizagem até a morte. O fato de o professor não levar em conta esses aspectos pode constituir um fator de empobrecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Para Romã (1996):

Existe educação na medida em que existem ações adequadas, criativas e autônomas, organizadas por meio da aquisição de conhecimentos, mas também da interação com os outros e com o ambiente ou meio do qual faz parte o educando. Acredita que educador é aquele mestre, professor, assistente, orientador, instrutor, que, em qualquer tarefa educativa, procura conciliar a transmissão de conhecimento sistemático para uma melhor compreensão do mundo e das possibilidades e limitações do homem.

⁴ “Conservas culturais”: termo cunhado por Moreno para designar o produto acabado: processo de criação ou ato criador.

Jares (2008), em seu livro *Pedagogia da Convivência*, destaca o papel essencial dos docentes como “modelos que educam desde e para a esperança”. Acredita que, no professorado, a forma como a profissão é vivenciada é elemento gerador de esperança ou de desesperança.

As considerações de Pacheco (2012) reforçam todos os aspectos até aqui colocados em relação ao papel do professor e à pessoa do professor:

Se as escolas são as pessoas que as fazem, e se as pessoas agem em função dos seus valores, porque não refletir sobre valores? O professor não ensina aquilo que diz, mas transmite aquilo que é.

Segundo Kaufman (1992), uma pesquisa realizada com a proposta de descrever o professor ideal levou os autores a constatarem que uma pessoa que merece o mais alto conceito possível como professor – pela visão dos estudantes – é “aquele que é capaz e eficiente, que ama seu trabalho e inspira os alunos, que é ele próprio inspirado por seu trabalho, é talentoso, e não só respeita e aprecia os discípulos, mas também se relaciona bem com eles”. Como personalidade, esse professor é descrito como “pessoa muito saudável, bem integrada, em paz consigo mesmo, feliz ou alegre, em uso de todas as capacidades construtivas”.

2.2 PSICODRAMA

O psicodrama compreende o ser humano como um ator social cocriador do universo.
Bernardes (2011)

2.2.1 Apresentação do Psicodrama

No século XX, Viena vivia um momento de importantes acontecimentos artísticos e científicos no palco internacional. Nessa cidade austríaca, Freud, Adler, Jung, pintores, filósofos e também Moreno, fundador da psicoterapia de grupo e psicodrama, propiciaram grandes transformações na sociedade da época.

Segundo Gonçalves, Wolf e Almeida (1988), o surgimento e o desenvolvimento do Psicodrama, enquanto concepção de homem, teoria e método psicoterápico, estão atrelados diretamente à história de seu criador, o médico judeu romeno Jacob Levy Moreno.⁵

Moreno esteve bastante envolvido com a sociedade revolucionária, chegando a acreditar que o teatro seria a melhor forma para obter mudanças fundamentais e, assim, testou sucessivamente vários métodos que depois se tornariam conhecidos como o axiodrama, o sociodrama e o psicodrama (MARINEAU, 1998).

O axiodrama seria o teatro baseado na exploração dos valores sociais e éticos, e o exemplo mais conhecido aconteceu em 1911, ocasião em que um espectador de um teatro confrontou um ator que representava o papel de Zaratustra, subindo ao palco e levando o ator a falar de si mesmo em vez de falar a partir do papel escrito por um terceiro. Para o jovem Moreno, isso seria dar cabo das “conservas culturais”.

Segue relatando Marineau que logo surgiu o sociodrama como tratamento psicodramático dos problemas sociais, quando várias experiências a partir de observações sociométricas foram realizadas. Foi, então, que surgiu Stegreiftheate, precursor do teatro do psicodrama.

Moreno, segundo Marineau, dedicou-se ao trabalho com grupos de teatro onde atores não tinham papéis decorados. Embora os papéis existissem, os atores tinham a liberdade de improvisar no decorrer da dramatização. Apresentava grande interesse por esse tipo de teatro chamado Teatro da Espontaneidade. Numa dessas experiências, que se tornou histórica, o caso Bárbara⁶ - Teatro da Espontaneidade - transformou-se em Teatro Terapêutico. Ao se ler a biografia de Moreno encontra-se características de uma figura extrovertida, carismática, bom orador com grande vitalidade para o trabalho que costumava dizer: “sabe o que faz e faz o que sabe”.

Wilson Castello de Almeida (1982) apresenta-nos Moreno com as seguintes palavras:

Como psiquiatra interessou-se pelas formas de relacionamento humano que pudessem contribuir para a compreensão, a melhora, a cura ou o conforto de seus pacientes, privilegiando o tratamento em grupo. Criou o psicodrama em 1921; descobriu o teatro terapêutico a partir do teatro da espontaneidade, em 1923; lançou os conceitos de psicoterapia de grupo em 1931 e as bases da sociometria em 1932.

⁵ Jacob Levy Moreno estudou medicina e filosofia. Nasceu em 1889, em Bucareste, na Romênia, e foi criado em Viena, na Áustria, desde os seus 5 anos de idade até 1925, quando emigrou para os Estados Unidos.

⁶ Caso Bárbara-Jorge: atores profissionais do teatro que trabalhavam com Moreno no Teatro da Espontaneidade, em 1923, casaram-se e protagonizaram o primeiro Teatro Terapêutico em função de dificuldades no relacionamento.

Sempre teve como sonho a transformação social e o trabalho com a comunidade e para estudar o homem em relação, Moreno criou uma disciplina, a socionomia, que se ocupa das leis do desenvolvimento social e das relações sociais, propondo uma nova sociologia através do Projeto Socionômico e da ciência Socionomia.

A base da Filosofia de Jacob Levy Moreno foi sempre a importância dada a cada indivíduo para se expressar através de seus recursos espontâneos e criativos, num mundo em que cada um é parte de um grupo ou de uma entidade social; bem como grande interesse pelo sofrimento das massas humanas e de suas inquietações sociais e mentais. Daí surgiu o Psicodrama, abordagem metodológica psicoterápica, pedagógica e social de profundas raízes ancoradas no teatro, na psicologia, filosofia, religião e na sociologia, que apresenta uma proposta de desenvolvimento global do indivíduo, integrando o pensar, o sentir e o agir. É uma forma ativa (ação) de interrelação em terapia, sala de aula, treinamentos em empresas, etc.

Em Beacon House, distante 90 km de Nova York, Moreno construiu o primeiro Teatro de Psicodrama, que se tornou centro de formação profissional e de atendimento, com sessões de psicodrama público semanais. Lá viveu e trabalhou até seus 85 anos, falecendo em 1974.

Em termos de trajetória, pode-se dizer que o Psicodrama, desde 1942 foi amplamente divulgado pelo mundo.

Já no Brasil, o Psicodrama foi trazido por Guerreiro Ramos⁷, entre 1948 e 1950 e, posteriormente, por Pierre Weil⁸. O nascedouro do psicodrama foi a cidade de São Paulo e em 1970, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), no auge da ditadura militar, cerca de três mil pessoas se reuniram para participar do V congresso Internacional de Psicodrama, seis profissionais brasileiros foram certificados como psicodramatistas didatas.

No texto Brasil 70 – Psicodrama antes e depois, Antônio Carlos Cesarino nos diz:

Em 1970, realizamos em São Paulo o V Congresso Internacional de Psicodrama e o I Congresso Internacional de Comunidades Terapêuticas. Foi a oportunidade de apresentar ao grande público o psicodrama... Pois bem, o movimento psicodramático foi um forte processo instituinte, criador, que com toda a pujança desejante de uma geração jovem veio modificar e até inverter não só o fluxo de demanda de atendimentos psicoterápicos, como trazer uma nova dimensão de pensamento psi, quebrando o *setting* sagrado da terapia entre quatro paredes... Privilegiava o trabalho de grupos e começava a se voltar também à alternativa moreniana do trabalho fora dos consultórios.

⁷ Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982): sociólogo baiano, responsável pelas primeiras ideias morenianas vigentes no Brasil.

⁸ Pierre Weil: doutor em Psicologia pela Universidade de Paris, aluno de grandes psicólogos e de grandes educadores, tais como Henri Wallon, André Rey, Jean Piaget, Leon Walther, Henri Piéron e André Rey. Sua formação como psicoterapeuta se deu com Igor Caruso, Jacob Moreno, Zerka Moreno e Anne Ancelin Schützenberger.

A vinda de Dalmiro Bustos em meados da década de setenta ao Brasil provocou a elaboração de uma nova consciência crítica sob o ponto de vista da prática do psicodrama, introduzindo a etapa moreniana de compartilhamento ou *sharing*, substituindo o que até então era chamado de “comentários”. Esse novo conceito revolucionou a postura do psicodramatista frente ao seu cliente, bem como revalorizou o método de ação, trazendo sua eficácia para atendimentos individuais bipessoal. (Perazzo, 1994).

Segundo Bernardes (2011), em Santa Catarina, o Psicodrama chega na década de 70 através de um grupo de profissionais que desejavam fazer a formação e fundam a SOPSC (Sociedade de Psicodrama de Santa Catarina). Mais tarde outras entidades surgiram; entre elas, a hoje fortemente estabelecida em Florianópolis, Locus Psicodrama.

Em 1977, a realização de um Congresso de Psiquiatria e Higiene Mental, em Curitiba (PR), marcou definitivamente o rumo do psicodrama brasileiro. Nesse congresso, o psicodrama ressurgiu através de vivências, mesas redondas e temas livres apresentados, criando entre os psicodramatistas participantes a necessidade de um fórum e de um veículo que permitissem a troca e a propagação do pensamento psicodramático.

A necessidade de uma entidade que pudesse congregiar as diversas formas de se fazer e pensar o psicodrama levou à criação da FEBRAP, entidade sem fins lucrativos que atualmente orienta em torno de 30 escolas federadas.

2.2.2 Princípios fundantes: conceitos

Moreno (1966) falou no II Congresso Internacional de Psicodrama em Barcelona, Espanha, apresentando os quatro conceitos universais da psicoterapia:

Objetivo do psicodrama foi, desde o começo, construir um conjunto terapêutico que usasse a vida como modelo, a fim de integrar nele todas as modalidades de viver, começando com os iniversais – tempo, espaço, realidade e cosmos -, a serem aplicados a todos os detalhes e nuanças da vida e da realidade prática.

Zerka Moreno (1998), no prefácio do livro *O Psicodrama após Moreno*, escreve que, entre tudo o que foi dito por Moreno, destaca o que ficou gravado dentro dela:

Em primeiro lugar, que um procedimento verdadeiramente terapêutico não pode ter como alvo menos do que toda a humanidade. Em segundo, sua definição de psicoterapia de grupo: uma pessoa sendo o agente terapêutico da outra, e um grupo o agente terapêutico do outro. Em terceiro lugar, que o psicodrama é a exploração da verdade subjetiva do protagonista por meio de métodos de improvisação dramática espontânea.

Já Perazzo (1990) argumenta que “Psicodrama é um e único, com seus fundamentos básicos claros e bem discriminados na teoria moreniana, através da Sociometria, da Teoria dos Papéis e da Teoria da Espontaneidade-Criatividade”.

Por sua vez, Kellermann (1998) define psicodrama

Como uma forma de psicoterapia: um método de cura que se utiliza de métodos da ação [...]; método para promover o crescimento e o desenvolvimento da personalidade [...]; remover os bloqueios ao desenvolvimento psicossocial, permitindo assim ao indivíduo aspirar a uma autorealização mais completa e espontânea, a atitudes mais efetivas perante a vida e a relacionamentos mais gratificantes.

Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) traçam a trajetória da obra de Moreno e mostram que é através da biografia que encontramos as bases e os primórdios do desenvolvimento do Psicodrama. Didaticamente, o desenvolvimento dessa corrente de pensamento pode ser dividido em quatro movimentos que correspondem aos diferentes momentos criativos:

- **Primeiro movimento:** Religioso e Filosófico (até 1920) que corresponde a uma fase marcada pela religiosidade e por concepções filosóficas existenciais;

- **Segundo movimento:** Teatral e Terapêutico (1921 – 1924), marcado pela predominância do teatro, envolvendo a criação do Teatro Vienense da Espontaneidade, em 1921, local onde ocorreu a primeira sessão pública com um grupo de pessoas que se posicionaram no lugar de “rei” da Viena pós-guerra. Em seguida, no mesmo ano, Moreno fundou o “laboratório de Stegreif”⁹ e, com o caso Bárbara-Jorge, deu início ao Teatro Terapêutico;

- **Terceiro movimento:** Sociológico e Grupal (1925- 1941), resultante da emigração de Moreno para os EUA em 1925; ainda que com ideias impregnadas do pensamento existencialista, uma cultura decepcionada com a guerra encontrou-se com uma cultura absorvida pelo pensamento behaviorista, levando-o a buscar métodos estatísticos, métricos e operacionais; resultando na sociometria dos grupos, a criação do primeiro Teatro Terapêutico, em Beacon, em 1936;

- **Quarto movimento:** Organização e consolidação do Psicodrama. Essa última fase, foi marcada pela publicação de livros fundamentais e da realização do I Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama em Paris, que serviu de impulso para vários outros congressos e maior visualização do Psicodrama no mundo.

⁹ 1921: Moreno funda o *Stegreiftheater*, também chamado “Laboratório de Stegreif” – base de suas ideias da Psicoterapia de Grupo e do Psicodrama

Ainda sobre esse assunto, Fonseca Filho (1980) cita Ramón Sarró, psiquiatra espanhol e entusiasta do Psicodrama que divide a obra de Moreno em cinco fases. A primeira seria a religiosa; a segunda, a da criação do psicodrama. A terceira, a da psicoterapia de grupo; a quarta, a da sociometria, e a quinta, a da sociatria. Essa última seria uma espécie de psicoterapia da humanidade; ou seja, uma concepção psicológica para levar a humanidade a sentir e a buscar o que realmente necessita.

O criador do psicodrama desde cedo mostrou seu interesse pela humanidade com seus momentos de guerras e revoluções. Buscava avançar na “ciência da paz” e, para isso, seria necessária a expansão da psiquiatria para uma “psiquiatria da humanidade, uma sociatria.

Segundo Perazzo (2010):

Para estudar o homem – em-relação, Moreno criou uma disciplina, a sacionomia, que se ocupa das leis do desenvolvimento social e das relações sociais. Moreno propunha a experimentação com essa nova sociologia que ficasse a salvo de especulações e de meras abstrações e, por isso, construiu três caminhos metodológicos que dessem conta da estrutura (a sociometria), da dinâmica (a sociodinâmica) e das transformações (a sociatria) do fenômeno social.

A esse respeito, Kaufman (1992) diz: a “sacionomia pesquisa o comportamento humano em seus aspectos intra e interindividuais e cita Moreno (1951) dar a definição: a Sacionomia “visa o estudo das leis do desenvolvimento social e das relações sociais”. Apresenta, ainda, breve resumo da teoria Socionômica com as três grandes ramificações desenvolvidas por Moreno:

Sociometria: ciência da medida do relacionamento humano. Moreno criou o teste sociométrico e o teste sociométrico da percepção;

Sociatria: considerada a ciência do tratamento dos sistemas sociais, propõe-se a tratar as relações, os vínculos, utilizando o Psicodrama, quando o foco for o indivíduo com todos os seus papéis; o Sociodrama quando o foco é o grupo e a Psicoterapia de grupo. A Sociatria é a Sociometria aplicada à intervenção psicossocial. A Sociatria, segundo entendimento de Moreno, é a “tentativa de estender o conceito “de encontro” à sociedade inteira. Uma sociedade erigida pela sociometria se aproximaria da sociedade ideal, seria a tentativa de melhorar o diálogo e a comunicação” (FONSECA FILHO, 1980);

Sociodinâmica: elo de ligação entre as duas anteriores, na medida em que faz a passagem do que foi detectado pela Sociometria, conduzindo à Sociatria. Isso ocorre através da interpretação de papéis, seja na forma de *role-playing* ou do teatro espontâneo.

No grupo, a sociometria em ação mostra o grau de tensão que há dentro de um grupo, permitindo determinar o melhor caminho a seguir.

Dois eixos polarizam a teoria de Moreno: a espontaneidade em sua dimensão individual e o fator tele em sua projeção social. Os conceitos espontaneidade/criatividade na verdade são termos correlativos e são entendidos como pedra fundamental de sua obra. Não há criatividade sem espontaneidade que foi definida por Moreno como a capacidade de dar respostas novas a situações conhecidas e respostas adequadas a situações novas.

Moreno (1972) aponta quatro expressões características da espontaneidade: originalidade, qualidade dramática, criatividade e adequação da resposta. Disse que a última consequência da espontaneidade é a revolução. Essa revolução para ser integral, deve ser permanente; a espontaneidade deve evitar permanentemente a tentação de aquietar-se e dissolver-se nas obras que criou e nas “conservas culturais” que elas estão destinadas a ser:

A criatividade pode produzir um novo modo de conduta para o indivíduo, um novo modo de conduta para o grupo, ou um novo edifício, um novo poema, uma nova história e o produto do contínuo espontaneidade-criatividade é denominado conserva cultural.

Logo, conserva cultural é o produto terminado do processo de criação e serve para preservar os valores de uma cultura particular; pode assumir a forma de um livro, filme, ou pode apresentar-se como uma pauta de conduta muito estabelecida, como, por exemplo, uma cerimônia religiosa.

Perazzo (2010), mais uma vez, contribui para a compreensão do pensamento moreniano e pós moreniano, quando aborda a teoria psicodramática:

Suas múltiplas aplicações – quer na psicoterapia de grupo, quer na psicoterapia individual bipessoal (mais recentemente e cada vez mais difundida em alguns países como o Brasil e Argentina, quer na sua atuação educacional e comunitária, por intermédio de seus métodos de *role-playing*, sociodrama e axiodrama, quer na sua vertente de produção cultural (arte dramática criativa) por meio do teatro espontâneo – criam um enorme desafio: situar, com coerência e abrangência, no plano teórico, se isso é mesmo possível, todos esses desdobramentos da prática psicodramática.

Tendo em vista todas as perspectivas pelas quais o psicodrama pode ser teorizado e examinado, Perazzo (2010) chama atenção para que nunca se perca a dimensão histórica no plano das formulações de Moreno. Citando os estudos de Garrido Martín, destaca três aspectos principais que permitem compreender com maior clareza a concepção moreniana de homem, sempre visto de forma indissociável em sua dupla dimensão individual e relacional. O primeiro que se estabelece no plano do indivíduo, tem como seu núcleo antropológico a espontaneidade, que o próprio Garrido denomina de “substância, alma da pessoa”. O segundo aspecto diz respeito ao plano da relação, que é concebido com base no conceito de “grupo-

sujeito”. O terceiro, no plano pragmático, caracteriza-se pela atuação desse homem, indivíduo e grupo, através do eu-tangível, o papel.

E confirma:

O homem moreniano situa-se no mundo em permanente atuação por meio de um grande repertório de papéis, ao mesmo tempo revelando-se a dimensão individual quanto sua dimensão relacional. É na integração harmônica entre estes três parâmetros, em constante movimento e mutação e, por isso mesmo, essencialmente dinâmica, que se constitui no único modo de apreendê-lo, compreendê-lo e vivenciá-lo sem segmentá-lo nos compartimentos estanques da nossa compulsão didática ou do nosso furor classificatório.

Destarte, Eugênio Garrido Martín (1996), ao apresentar a antropologia psicológica de Moreno escreve: “criatividade, liberdade, espontaneidade, existência e realidade são as condições que o psicodrama oferece e que lhe conferem o valor terapêutico”.

Quando Moreno formula sua teoria das relações interpessoais, coloca atenção especial nos vínculos. Os vínculos são unidades de interação e os papéis são os polos individuais dessa interação. Então, Bustos (1990), por sua vez, apresenta uma ampla compreensão do vínculo e da dinâmica vincular, inclusive apresentando pontos comuns entre Enrique Pichón Rivière, precursor da psicanálise da Argentina, e Moreno. Coloca Pichón:

Por que usamos o termo ‘vínculo’? Estamos acostumados a usar a noção de objeto na teoria psicanalítica, mas a noção de objeto é muito mais completa. Relação de objeto é a estrutura interna do vínculo... O vínculo é sempre social, mesmo que com uma só pessoa, repete-se uma história de vínculos determinados, em um espaço de tempo determinados. Por isso o vínculo se relaciona posteriormente com a noção de papel.

Assim fica clara a convergência de Moreno e Pichón. Para Bustos, o vínculo é uma entidade dinâmica, em movimento contínuo que se produz por mutualidade. Coloca ainda que a saúde de um vínculo depende da capacidade de ambos estimularem reciprocamente o surgimento da espontaneidade, sendo necessário um equilíbrio entre o desenvolvimento do vínculo e o processo de individuação. Logo, a dinâmica vincular está diretamente relacionada aos conceitos de Espontaneidade, pedra fundamental na obra de Moreno, *Tele e Transferência*.

Bustos, cita Moreno (1990):

Se o século XIX buscou o mínimo denominador comum da humanidade – o inconsciente – o século XX descobriu, ou redescobriu, deu máximo denominador comum: a espontaneidade e a criatividade.
Não há criatividade sem espontaneidade, definida como a capacidade de dar respostas novas a situações conhecidas e respostas adequadas a situações novas.

O homem moreniano coloca-se no mundo em permanente atuação por meio de um grande repertório de papéis. Para desenvolver-se a Teoria dos Papéis, faz-se importante

desenvolver num primeiro momento os diferentes conceitos e significados do termo papel para posteriormente serem entendidos os significados do termo papel encontrados na obra de Moreno e demais psicodramatistas, levando ao entendimento mais amplo da origem dos papéis e sua importância para o surgimento do eu.

Segundo Rubinni (1995):

Etimologicamente vários termos dão origem à palavra papel com diferentes sentidos. Do latim medieval *rotulus* (derivado de rota = roda) tanto pode significar ‘uma folha enrolada contendo um escrito’, bem como ‘aquilo que deve recitar um ator em uma peça de teatro’.

No século XI, o termo também era utilizado no sentido de “função social”, “profissão”. O termo francês *rôle* e o castelhano *rol* igualmente tem origem na etimologia latina *rotulus*. Já a palavra papel na língua portuguesa, etimologicamente, vem do grego *pápyros*, do latim papiro, que designava um arbusto do Egito de cuja entrecasca se fazia o papel, obtendo-se material para a escrita.

A fonte inspiradora da Teoria dos Papéis de Moreno foi o teatro e o papel não é um conceito sociológico ou psiquiátrico e, sim, vocábulo do teatro que entrou para o conceito científico (Rubinni, 1995).

A tarefa do Teatro Vienense para Espontaneidade, entre 1921 e 1923, foi a de realizar uma revolução no teatro, buscando uma modificação completa nos eventos teatrais, surgindo um novo tipo de teatro. Não mais um teatro repetitivo, de peça decorada e encenada e, sim, um teatro de peça única, fluindo no aqui-agora, no ato vivencial por atores-criadores: “minha visão do teatro foi moldada segundo a idéia do self espontaneamente criativo”, diz Moreno.

A teoria psicodramática dos papéis leva o conceito de papel a todas as dimensões da existência humana, do nascimento ao longo de toda a vida do indivíduo, enquanto experiência pessoal e social; homem em relação, em situação, imerso no social. O conceito de papel é eixo central da teoria de Moreno, ponto de partida para todas as suas formulações.

Em Bustos (1990) encontramos a definição de Moreno para papel:

Há tantos papéis como ações possíveis. Cada papel é a fusão de elementos individuais e coletivos; é composto por dois elementos, seus denominadores coletivos e seus diferenciais individuais. A parte tangível do eu são os papéis com os quais opera.

Define Moreno (1928) que toda configuração de papel envolve duas partes, exigindo uma vinculação, mesmo que fictícia, com um outro. Daí decorre a principal característica do papel: sua função complementar. É dentro dessa complementariedade que o Eu vai constituir-se.

Bustos (1990), citando Pichon, acrescenta:

O papel tem característica de ser transitório... Cada um de nós tem a possibilidade de desempenhar diversos papéis, ou seja, podemos assumir determinados papéis, aqui como discente, ali como analista, em casa como pai, ou como companheiro.

Mas Moreno aponta, ainda, três categorias de papéis: psicossomáticos, sociais e psicodramáticos.

Os papéis **psicossomáticos** são papéis “emergentes e espontâneos”, que existem desde o nascimento e que se apoiam nas funções fisiológicas. Ao mesmo tempo em que representam funções orgânicas inatas, exigem a presença de um outro, de um papel complementar, para expressar-se e constituir-se num primeiro vínculo: o vínculo maternal. São também chamados de funções essenciais inerentes ao papel de filho.

Nesse sentido, Bustos explica que o papel de filho tem em si a função de internalizar as regras, convertendo-se em estruturantes do que podemos chamar de eu. Para Moreno, não é o eu que gera os papéis, e sim o papel que estrutura o eu, sendo os **sociais** os que respondem a generalizações convencionais de acordo com as regras e determinantes culturais. Por exemplo, o papel de bombeiro, de mestre.

Os papéis continuam a “emergir” e surgem os papéis **psicodramáticos**, que, para Moreno, são aqueles que envolvem o mais alto grau de especificidade.

O conceito de papel envolve um contrapapel, denominado de papel complementar: ao papel de mãe corresponde o complementar filho, ao de avô, neto, ao de professor, aluno. Cada papel existente tem o seu complementar.

Aqui se faz necessário um retorno ao conceito de vínculo para uma compreensão da complementariedade de papéis. Existem os vínculos de igual responsabilidade, chamados de *simétricos*, como, por exemplo, os vínculos entre amantes, amigos, irmãos ou companheiros. Há os vínculos *assimétricos*, denominados pelos papéis polares, onde encontramos os papéis pai-filho, professor-aluno, médico-paciente.

Para Moreno, “a noção de papel serve para constituir uma teoria da personalidade e uma teoria das relações com o próximo” (Kaufman, 1991).

Perazzo (2010) apresenta uma revisão do conceito de papel realizada por Naffah Neto, considerando uma importante contribuição brasileira à teoria do psicodrama, separando a noção de papel imaginário e a de papel psicodramático:

Quando Moreno e seus discípulos imediatos empregaram os termos papel psicodramático e papel imaginário, empregaram indiferentemente como sinônimos. São definidos por eles como papéis nos quais são atuadas a fantasia e a imaginação, indiferentemente do *locus* em que eles dão atuados. Ou seja, tanto na vida, de uma maneira geral (crianças brincando de Cinderela, mocinho e bandido; adultos num

jogo qualquer), ou no cenário psicodramático em vários papéis. O destaque é dado principalmente à atuação da fantasia.

Naffah reserva o termo papel psicodramático apenas para aqueles papéis que têm como *locus* o cenário psicodramático. Passa a reservar o nome papel imaginário apenas para os papéis conservados dentro do sujeito e não atuados.

Atualmente Perazzo adota a seguinte classificação de papéis:

Papéis sociais: para designar os papéis da vida cotidiana que vivemos em nossas relações mais diversas (papel de pai, de médico, de amigo...)

Papéis psicodramáticos: jogados no cenário psicodramático, servindo de elo de ligação entre os papéis sociais e os papéis imaginários.

Papéis imaginários: conservados dentro do sujeito (encapsulados) e não atuados.

Papéis de fantasia: não atuados e não conservados, podendo ser jogados dentro e fora do cenário psicodramático.

Papéis dramáticos: desempenhados por atores no teatro, no cinema e na televisão.

Os papéis não permanecem isolados no sujeito e se agrupam segundo sua dinâmica, configurando os grupamentos de papéis, cachos ou *clusters* quando têm dinâmica semelhante, como os papéis de pai, professor, patrão. Para Moreno, o papel representa “um elo entre a Psiquiatria e a Sociologia”, a qual entende o papel como a conduta que a sociedade espera de cada pessoa, conforme seu sexo, idade, etc.

Partindo desse conceito de Moreno, Bustos (1990) buscou responder a pergunta de como se agrupavam essas ramificações e, tomando como referência a ordem evolutiva e todos os registros de experiências incorporados desde o nascimento, desenvolveu a Teoria dos *Clusters*, dividindo essa aprendizagem em três grupos: *cluster* um, cujo complemento é a mãe ou o adulto que o auxilie; *cluster* dois, cujo complemento é o pai ou adulto substituto; e o terceiro é o *cluster* três, cujo complemento é o irmão ou seus equivalentes.

No *cluster* um ou materno a palavra chave é *dependência*. Saber receber, aceitar a ser cuidado e conviver saudavelmente com os momentos de vulnerabilidade dependem das experiências nessa etapa. No *cluster* dois ou paterno, caracteriza-se pelo amadurecimento do bebê, tanto psíquica como biologicamente. Senta, sente a força de suas pernas e suas mãos alcançam objetos. A palavra chave passa a ser *posso*. O papel de ser alimentado, nutrido e cuidado (papel de filho-mãe) deixa de ser eixo único e central, acrescentando a ele o da conquista gradual da autonomia, sendo a equação complementar agora filho-pai. Tanto o *cluster* um como o dois são compostos por vínculos assimétricos, ou seja, são moldados por dois papéis sem paridade (mãe-filho e pai-filho). Nessa relação, a responsabilidade não é a mesma, indicando dependência de um dos papéis; isso significa que são compostos por vínculos assimétricos.

Seguindo a sequência evolutiva, já temos um bebê que se desenvolveu ainda mais, aprendendo a caminhar, a buscar o que deseja com amparo de seus auxiliares: assimetria protetora. É nesse momento em que aparecem outros seres como irmãos, primos ou outras crianças que compartilhem do átomo social. Nesse *cluster* desenvolvem-se a maior parte dos papéis da idade adulta, sendo as experiências anteriores fundamentais para a passagem saudável e madura para esse *cluster*. Aqui os vínculos que sobrevivem da simetria apresentam três diferentes dinâmicas: *compartilhar*, *competir* e *rivalizar*. A construção do “nós” é a característica desse *cluster* e a negociação é essencial nas relações.

Os psicodramatistas trabalham com relações, transitando pela dinâmica de problemas relacionais seja na saúde ou na educação sempre necessitando de referenciais claros que permitam compreender a dinâmica usual de um ser humano, em seu desenvolvimento físico, mental e social.

2.3 DA DIDÁTICA À PEDAGOGIA MORENIANA

Para se chegar ao entendimento da pedagogia moreniana, é necessário acompanhar a história da Didática, principal ramo de estudo da Pedagogia, ao longo do desenvolvimento das sociedades, chegando ao desenvolvimento da Pedagogia como ciência da Educação. Moreno mostrou preocupação com o ensino nas escolas e com “conservas culturais” em sua maneira estereotipada de pensar e agir, presentes no meio social e cultural, levando-o a criar sua própria pedagogia.

Segundo nos traz o estudioso da educação, acadêmico e filósofo José Carlos Libâneo (1991), “a história da Didática está ligada ao aparecimento do ensino – no decorrer do desenvolvimento da sociedade, da produção e das ciências – como atividade planejada e intencional dedicada à instrução”. A prática educativa é um fato social e a compreensão do fenômeno educativo e sua intervenção intencional faz surgir um saber específico que atualmente associa-se a Pedagogia.

A Pedagogia, sendo ciência da e para a educação, estuda educação, a instrução e o ensino, buscando em outras ciências os conhecimentos teóricos e práticos para o esclarecimento do fenômeno educativo. São elas a Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Biologia da Educação entre outros. O conjunto desses estudos permite aos professores uma compreensão global do fenômeno educativo e suas possíveis manifestações no contexto escolar.

A Didática é o principal ramo de estudo da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. Está intimamente ligada à Teoria da Educação¹⁰ vinculando-se à Teoria do Conhecimento¹¹ e à Psicologia da Educação.¹²

O objeto de estudo da didática é o processo de ensino, campo principal da educação escolar. Por processo de ensino entende-se “a sequência de atividades do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades” (Libâneo).

Historicamente, o termo Didática aparece quando os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem de crianças e jovens, estabelecendo-se uma intenção pedagógica na atividade de ensino, contrárias as formas espontâneas de intervenção anteriores.

João Amós Comênio (1592-1670), pastor protestante foi quem escreveu a primeira obra clássica sobre didática, a didática Magna. Ele foi o primeiro educador a formular a ideia da difusão dos conhecimentos a todos e a de criar princípios e regras de ensino e quem desenvolveu ideias avançadas para a prática educativa nas escolas, numa época em que surgiam novidades no campo da filosofia, e das Ciências e grandes transformações nas técnicas de produção, em contraposição às ideias conservadoras da nobreza e do clero.

Louis Not (1993) em seu livro “Ensinando a aprender” apresenta os conceitos de ensinar como inicialmente indicar, mostrar e em um segundo sentido, significando “explicar uma ciência ou arte, de forma a fazê-las serem aprendidas”. Após assume o sentido de instruir, isto é, construir o saber de alguém.

A Pedagogia tradicional, em suas várias correntes, considerava a escola como instrumento para vencer a ignorância; prepondera a ação de agentes externos na formação do aluno, sendo seu principal papel o de difundir a instrução, transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade e logicamente sistematizados. Neste contexto a organização escolar ocorre centrada no professor.

Aqui o professor deixa de ser o “instrutor” e passa a ser o “estimulador e orientador”. O processo de aprendizagem passa a ter o entendimento de interação interpessoal, caracterizando uma proposta humanista.

¹⁰ Teoria da Educação entendida como concepções pedagógicas, ideias pedagógicas.

¹¹ Teoria do Conhecimento: estuda e interpreta o conhecimento humano.

¹² Psicologia da Educação "A Psicologia da Educação compreende a utilização de conclusões obtidas em diversas áreas das ciências psicológicas sobre assuntos que interessam especificamente à educação investigação de problemas relacionados às pessoas sob ação educativa." (Goulart, 2000, pág. 14)

Libâneo (1991) quando nos fala do desenvolvimento das tendências pedagógicas que na história, as ideias, principalmente quando são muito inovadoras para a época, costumam demorar para serem absorvidas e terem efeito prático. Este é o movimento natural das transformações sociais e não foi diferente na história da educação e das práticas de ensino. Inspirado nos pensamentos de Rousseau, recebeu diversas dominações, entre elas *educação nova*, *escola nova*, *pedagogia ativa* e *escola do trabalho*. Desenvolve-se como tendência pedagógica no século XX, embora nos séculos anteriores tenham existido diversos filósofos e pedagogos que propunham a renovação da educação vigente.

Ao longo do tempo as práticas pedagógicas no Brasil foram se modificando, influenciadas por elementos sociopolíticos, tais como leis, economia, ideias de justiça e cenário social.

Assim as tendências pedagógicas se dividiram em dois grandes grupos: “Liberais” e “Progressistas” (Libâneo,1991).

Nas tendências Liberais encontramos as tradicionais, renovadoras e tecnicistas. Já nas tendências Progressivas: a libertadora, libertária e críticas sociais dos conteúdos.

Dentro do movimento escolanovista, desenvolveu-se nos Estados Unidos a Pedagogia Pragmática ou Progressivista, cujo principal representante é John Dewey (1859-1952) e para Libâneo (1991) foram as ideias desse brilhante educador que exerceram uma significativa influência no movimento da Escola Nova na América Latina e, particularmente no Brasil. Foi na década de 30 que o Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, com liderança de Anísio Teixeira e outros educadores que ocorreu a formulação da política educacional, na legislação, na investigação acadêmica e na prática escolar.

O movimento escolanovista no Brasil se desdobrou em várias correntes destacadas por Libâneo como a corrente vitalista, representada por Maria Montessori, as teorias cognitivistas, as fenomenológicas e especialmente a teoria interacionista baseada na psicologia genética de Jean Piaget.

Para Amato (2002):

O psicodrama pode ser visto dentro do grande movimento da chamada “Escola Nova” ou “Escola Renovada” que se firmou no primeiro quartel deste século, movimento também chamado de Escola Progressista, do Ensaio, da Reforma, do Trabalho, da Comunidade ou ainda Escola Funcional e Escola Ativa, na medida em que Moreno propõe uma aprendizagem na ação, que denomina Escola Ativa e defende que “a educação da espontaneidade será o principal objeto da escola do futuro.

Para Not (1993), aprender tem dois sentidos: o objetivo; fazer alguém a aprender algo e o subjetivo; aprender para si; apreender. Na prática da didática corrente estes conceitos

estão justapostos. No entanto, ao contrário das concepções tradicionais, o ato de ensinar não implica, para o que recebe, o fato de aprender.

Nesse contexto, a Educação tem como eixo norteador a vida-experiência e aprendizagem, propondo uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro da vida do indivíduo. Not (1993) diz:

O ensino não pode ser definido pela transmissão de conhecimentos, porque essa transmissão é impossível. Adquirir um saber é integrá-lo à sua personalidade, para que isso aconteça, cada qual deve reconstruí-lo em pensamento.

Os objetivos da educação seriam assegurar o desenvolvimento máximo de indivíduo em suas relações com o meio físico e social, conforme o grau de autonomia que o sujeito atingirá e de sua adaptabilidade às condições variáveis do meio.

Sobre a Pedagogia Moreniana, cabe aqui o entendimento de Yves de La Taille sobre a construção dos conhecimentos em relação ao ser humano e à prática pedagógica, texto que apresentou à edição brasileira do livro de Louis Not:

Como psicólogo e pesquisador, leio essencialmente artigos de especialistas, isto é, estudos que dividem seu objeto para retirar algum conhecimento. Assim, por exemplo, Piaget debruça-se demoradamente sobre a complexa construção da noção de número, Emília Ferreiro segue, no detalhe, a construção da língua escrita, Kohlberg mapeia a longa evolução da moralidade, Winnicott analisa o desenvolvimento da afetividade, e assim por diante. E nem poderia ser diferente: recortar o objeto de estudo é característica do trabalho científico. Assim constroem-se conhecimentos valiosos sobre o ser humano, e imprescindíveis à prática pedagógica. Todavia vários problemas se colocam quando dialogo com educadores ou penso minha tarefa de professor universitário.

Em primeiro lugar o ser humano, seja qual for sua idade é um ser integrado. Não existe em cada um de nós um comportamento da alfabetização, outro da matemática, outro ainda da moralidade, mais um para afetividade. Em segundo lugar, a instituição escola, apesar das especialidades relativas às diferentes disciplinas, também é um todo, com suas regras explícitas e implícitas, sua rede de relações interpessoais, seus recursos materiais, seu calendário, etc. Em terceiro lugar, tanto os diversos conhecimentos a serem ensinados, como professores e alunos estão necessariamente imersos num universo cultural, portanto imersos em valores, em diferentes visões de Homem, de ciência, de Tecnologia, etc.

Na verdade, o trabalho do educador assemelha-se mais ao antigo médico de família – um clínico geral por definição – do que ao médico cirurgião.

Mas, quem é, hoje, este generalista? Como recuperar a dimensão do generalista, sem perder as riquezas acumuladas pela Ciência?

O sociólogo Pedro Demo (1999) apresenta importantes estudos sobre o aprender/ensinar, a produção do conhecimento na escola e a relação professor/aluno. Ao que se refere ao papel do professor diz *“que só podemos dar aula daquilo que produzimos, pois do contrário seria plágio; aula copiada para ser copiada”*. Assim enfatiza a importância *“da ação”*, *“da busca por nova resposta”*, *“do compartilhar para aprender”*, *“do individual e do coletivo”*, *“das conservas culturais”*, da espontaneidade/criatividade, tomando o vocabulário moreniano como mostra o texto a seguir:

Não basta apenas transmitir e socializar conhecimento. É mister saber reconstruí-lo com mão própria. Em grande parte, temos aí o diferencial mais concreto entre países ditos desenvolvidos e outros subdesenvolvidos ou em desenvolvimento: os primeiros alimentam condição inequívoca de manejo próprio de conhecimento e, por conta disso, definem as universidades como centros de pesquisa fundamentalmente, enquanto os segundos importam conhecimento alheio, a ele se subordinam, e fazem de suas universidades instâncias onde se ensina a copiar. Assim, enquanto o Primeiro Mundo pesquisa freneticamente, o Terceiro dá aula despreocupadamente. Não se trata de construir conhecimento absolutamente original como alternativa única, porque isto é algo raro. Trata-se, na verdade, da tese mais modesta e realista de reconstruir conhecimento, partindo do já existente, como manda tradicionalmente a hermenêutica (Demo, 2000). Alargamos nossos conhecimentos, partindo do que já conhecemos. Por isso, continua importante socializar conhecimento, embora seja impróprio falar de transmissão de conhecimento. Mesmo que quiséssemos apenas transmitir conhecimento, não é viável por pelo menos dois argumentos claros: pelo argumento hermenêutico: sempre interpretamos, nunca reproduzimos, porque não somos capazes de assumir posição de mero objeto que engole o que vem de fora; pelo argumento biológico: o ser vivo, ao captar a realidade externa, o faz ativamente, de tal sorte que o “ponto de vista do observador” se impõe mais do que o contrário (Maturana/Varela, 1995. Varela, 1997). Disseminar informação, conhecimento, patrimônios culturais é tarefa fundamental, mas nunca apenas transmitimos. Na verdade reconstruímos. Por isso mesmo a aprendizagem é sempre fenômeno reconstutivo político, nunca apenas reprodutivo. A universidade que apenas repassa conhecimento, além de superada no tempo, é desnecessária, porque o acesso à informação disponível está sendo tomado, com vantagens reconhecidas, pelos meios eletrônicos. O estudante não comparece à universidade para escutar aulas copiadas que levam a reproduzir a cópia, mas para reconstruir conhecimento com os professores. Estes têm como tarefa central, não a aula, que continua expediente didático secundário e intermitente, mas o compromisso de fazer o aluno aprender. Ora, conforme as modernas teorias da aprendizagem (Damásio, 1996. Gardner, 1994. Goleman, 1996. Demo, 2000a), esta somente ocorre diante 3 de dois fatores humanos: o esforço reconstutivo do aluno, e a orientação do professor. Não faz parte deste ambiente necessariamente a eletrônica, mas é o instrumento mais fecundo de informação. Ou seja, não é formativa, mas pode ser exuberantemente informativa, podendo aproximar-se do desafio reconstutivo, se for conjugada adequadamente com o saber pensar. (Demo, 1999a).

Ainda refletindo conceitos de vários estudiosos da educação e buscando uma relação com a pedagogia moreniana na sua visão de homem e de grupo em relação Baptista (in Marra e Fleury, 2008) faz uma importante reflexão dos conceitos “educar” e “ensinar” e cita Ghiraldelli Jr, 2007, p. 23):

Temos que lembrar que ‘educação’ tem origem, para nós, não em uma única palavra, mas em duas: *educere e educare*, ambas latinas. Os significados, é claro, possuem um ponto em comum: dizem respeito à formação e criação, ou mesmo instrução. Todavia, onde há a divergência?

Resumindo ao máximo: *educere* indica a ‘condução a partir do exterior’, enquanto que *educare* indica a atividade de ‘sustentar’, ‘alimentar’, ‘criar’. Isto é, a primeira tem a ver com a prática educacional de ‘comando externo’, e a segunda tem a ver com a prática educacional que aposta no ‘desenvolvimento interno’.

Rios (1999) também compartilha as idéias de Moreno na educação ao afirmar que:

A educação é um processo de socialização e criação de saberes, crenças, valores, com a finalidade de ir construindo e reconstruindo as sociedades, os indivíduos e grupos que a constituem. É um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas nele envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros.

Mais uma vez a importância do grupo e da sociometria se faz presente na busca de novas respostas na educação, questões que seguem tão atuais e coerentes no olhar do ensino pela pedagogia moreniana nas mais variadas situações e no próprio ensino do psicodrama. Mais uma vez Baptista (2008) resume com muita coerência os aspectos que envolvem a proposta moreniana na educação:

A pedagogia moreniana apoia-se nos princípios de co-responsabilidade, co-construção, valorização do grupo, sustentação sociométrica, espontaneidade/criatividade, bem como com os recursos técnicos e suas múltiplas possibilidades [...] mesmo o fazer psicodramático se aprende com a vivência, em grupo, da utilização de sua metodologia e com a aplicação em sala de aula da pedagogia moreniana [...] a educação no psicodrama propõe também, por meio da criatividade, ir além do que Moreno convencionou chamar de conservas culturais, ou seja, modos de ser, saber e estar definidos por determinada sociedade. Ao nos vermos imersos num ensinar/aprender psicodrama, também nos damos conta dos contextos em que esses saberes emergem, podendo questioná-los e, portanto recriá-los. Passamos da posição de subjugados em que o papel cristalizado de aprendiz nos coloca para a possibilidade da ação espontânea criativa.

Essas importantes reflexões continuam acompanhando os educadores de todos os níveis de escolaridade, incluindo os cursos de especialização, bem como os professores que trabalham com futuros educadores.

2.3.1 O olhar psicodramático no ensino: o caminho percorrido de Moreno a Maria Alícia Romãna

*Exercitar e formar para a espontaneidade,
eis a principal tarefa da escola do futuro.*
J. L. Moreno

A autora do marco teórico do psicodrama socioeducacional, na Argentina e no Brasil, foi Maria Alícia Romãna que em após se formar em Psicologia e Psicoterapia de Grupos, em Buenos Aires em 1963, apresentando em 1969 oficialmente o “psicodrama Pedagógico” no IV Congresso Internacional de Psicodrama.

Em seu último livro, Romãna (2009) apresenta todo o “itinerário” da pedagogia psicodramática, partindo das ideias de Moreno até chegar ao contexto educativo, esclarece todas as outras denominações da pedagogia psicodramática encontrada ao longo do caminho:

- Recursos psicodramáticos aplicados na educação (1962);
- Método educacional psicodramático (1969);
- Psicodrama Pedagógico (1970 – 1986);

- Psicodrama não terapêutico (início de 1990);
- Pedagogia do Drama (1999 – 2005);
- Pedagogia Psicodramática (a partir de 2010).

Todas essas denominações consistem na proposta pedagógica que parte dos princípios e elementos que constituem o psicodrama.

Maria Alcía iniciou suas atividades docentes em 1945 no ensino primário, destacando-se por sua preocupação com as relações entre os binômios: “metodologia-aprendizagem; conhecimento - afetividade; sujeito- grupo”. Estas inquietudes seguiram acompanhando suas posteriores experiências como docente nos anos seguintes, já como educadora do ensino secundário, superior e capacitação de professores. Seu referencial teórico oscilava entre pragmatismo experimentalista, segundo John Dewey e a Escola Nova; humanismo de Rousseau e Pestalozzi e uma compreensão fenomenológica-dialética-existencialista do mundo pós Segunda Guerra Mundial, que teria em Husserl, Sartre e Merleau Ponty suas figuras mais representativas.

Em 1958, foi aprovada como professora do ensino superior da disciplina de didática, Metodologia e prática do Ensino na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1962 deparou-se com uma sessão de psicodrama, percebendo que estava diante de uma ferramenta que tanto buscava. Nesta mesma época foi criada a Associação Argentina de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, onde iniciou sua formação.

Finalizou sua formação em Psicodrama e em 1969; participou em Buenos Aires do IV Congresso Internacional de Psicodrama, que contou com a presença de Moreno, apresentando dois trabalhos que foram muito bem recebidos por profissionais da educação tanto da Argentina como do Brasil – que viviam em regime militar neste momento. A partir de então vários outros trabalhos e estudos foram realizados com professores, principalmente em São Paulo, passando a ser chamado de Método Educacional Psicodramático. Nesse momento, organizou através da observação dos relatos das cenas trabalhadas em sala de aula pelos professores os níveis de compreensão lógica: dramatização real; situações vividas, objetos parcialmente conhecidos; dramatização simbólica, sentimentos, expectativas, sensações e dramatização no nível de fantasia, situações temidas, sonhos, ideias e projetos imaginados.

Nas situações de aprendizagem de conteúdos programáticos, cada tipo de dramatização também passava pelos níveis descritos acima. Neste caso, o nível real seria o de conceito analítico; o simbólico seria o nível de compreensão sintética e o nível de fantasia seria de generalização. O passo seguinte foi chegar ao conceito do Psicodrama Pedagógico

que desenvolvia a sequência de sensibilização corporal, trabalho com role-playing para estruturação de papéis, trabalhos com conhecimentos em sala de aula e capacitação de professores.

Em seguida, Alícia passou a fazer articulações com outros teóricos importantes da educação como Vygotsky, Paulo Freire e Lev Semionovich e em 2004 publicou o livro *Pedagogia do Drama*, ampliando a proposta pedagógica até então estudada.

Depois de toda esta trajetória, Alícia considerou que a melhor denominação seria a de “Pedagogia Psicodramática” (2010), que engloba todos os momentos anteriores com suas denominações próprias e seus repertórios didáticos oferecidos em cada uma delas.

Muito tempo já se passou e ainda hoje estas questões são discutidas por educadores e psicólogos: o papel do professor na formação das crianças, dos adolescentes e adultos; a ação pedagógica na prática diária da sala de aula e as metodologias de ensino, bem como o papel do professor na formação de psicodramatistas.

Fonseca Filho (1980) ao descrever as correlações entre Buber e Moreno em relação à Educação coloca que Moreno quando fala de Educação “considera uma estrutura que tem como centro a espontaneidade. Concorde que o homem deva ser educado, mas com um significado maior do que mera ilustração intelectual; não seria só uma deficiência de inteligência, mas principalmente, de ilustração emocional. Buber critica a educação do passado (moralista) e a do presente que procura liberar a criatividade no sentido eminentemente individual. Sua proposta é a de preparar para a comunhão, estruturando o ser humano para a relação, para o Encontro”. Ainda conforme o autor, Moreno encara o ser humano com o mesmo otimismo e alegria, acreditando na sua potencialidade cósmica. Anseia pela realização do homem, num mundo que vale a pena ser vivido. Contemplam a Espontaneidade, no Deus-Homem, Deus-Eu, Deus-Tu.

Como se vê, várias dimensões do ser humano estão presentes no ato de aprender, como a afetiva, a social e a corporal, mas nem sempre estes fatores são levados em conta, constituindo um empobrecimento do processo de ensino-aprendizagem.

A formação dos conceitos espontâneos ou cotidianos desenvolvidos no decorrer das interações sociais diferencia-se dos conceitos científicos adquiridos pelo ensino, parte de um sistema organizado de conhecimento.

Moreno já dizia que toda a instituição de educativa deveria contar com um cenário de psicodrama, representando uma verdadeira “plataforma social” que permite a atuação livre e total da personalidade. Em seu livro *Psicodrama* (1972, p. 185), encontra-se o seguinte parágrafo:

Não é acidental que se quisermos fazer justiça à operação de espontaneidade devemos retroceder às primeiras etapas da infância e fazer que as velhas técnicas educativas, que levam automaticamente ao instruído mas não inspirado aluno da atualidade, sejam substituídas por técnicas de espontaneidade.

Para Romaña (1992), “educação é um fato, um fenômeno, uma situação que se configura concretamente toda vez que acontece uma situação de aprendizagem”.

A sala de aula pode, e às vezes consegue, continuar a ser um espaço vital. Mas não é o conteúdo do saber que determina, se a nossa sala de aula, e em consequência nossa escola, será conservadora ou progressista e sim o meio de transmitirmos, recriarmos e apropriarmos do saber é que será determinante, encontrando o caminho adequado para o aluno conhecer o que for do seu interesse.

Para que este processo seja efetivo, o aprender deve ser agradável, permeado de sentimentos positivos do aluno em relação à aprendizagem (e aqui devemos entender também em relação ao professor, ao grupo e à escola), podendo também expressar o que sente tanto verbalmente como corporalmente.

Foi durante as sessões do IV Congresso Internacional de Psicodrama realizado em Buenos Aires, no ano de 1969 que Elena Nosedá de Bustos relata que tomou contato com a pedagoga argentina pioneira na investigação das técnicas dramáticas na educação, Maria Alicia Romaña.

Em seu artigo *Psicodrama Pedagógico* (2005) afirma:

Entende-se por psicodrama pedagógico o método educacional psicodramático que se refere a dramatizações didáticas que acompanham a sequência organizada por Romaña (1985): dramatizações em nível real, depois simbólico e, finalmente em nível de fantasia ou funcional. Mas, ainda que reconheça a importância do método para captar o conhecimento, percorreu um caminho diferente, derivado da sua formação com Bustos, que denominou de psicodrama na educação. Trabalhou intensamente por anos em cursos de graduação e pós-graduação em medicina, colaborando como ‘psicodramista educativa’. Acreditava na relação estabelecida entre o professor e seu aluno: “minha tarefa é reciclar emocionalmente o que foi aprendido e integrar à experiência os novos conhecimentos que estão aparecendo.

Nas escolas argentinas, com alunos da escola primária e secundária, bem como no trabalho com professores, orientadores, diretores educacionais e psicólogos, o método foi utilizado nas seguintes situações: para compreender um conhecimento já adquirido mediante métodos tradicionais, para avaliar um tema e para repassar conceitos já esquecidos.

Para Puttini (1991),

o Psicodrama Pedagógico (que é parte do Psicodrama socioeducacional) é um método que possibilita a coordenação desses fatores porque a aprendizagem se dá através da ação e interação. Ele permite ao aluno expressar o que sabe confrontando o seu saber com o do grupo e, num processo partilhado, construir e reconstruir o conhecimento. A participação do aluno se dá de maneira renovada e espontânea.

Muitas técnicas e jogos dramáticos poderão ser utilizados durante o trabalho. Possibilita uma renovação na prática do nosso cotidiano escolar, na medida em que o professor amplia seus instrumentos de trabalho no dia-a-dia com seus alunos, sem deixar de refletir no “como” este trabalho está sendo desenvolvido, respeitando o aluno como um ser “social”, “espontâneo” e “criativo”.

Em relação ao professor, exigirá disponibilidade afetiva, estudo e autoconhecimento, para que desenvolva um trabalho efetivo, no que diz respeito à formação pessoal do seu aluno, à qualidade do vínculo, à criatividade na transmissão dos conteúdos e nas tarefas propostas.

2.3.2 O Psicodrama no ensino do Psicodrama

Entender com a alma para sentir com o intelecto.
Marco Antônio Amato

O psicodrama no ensino do método psicodramático não pode ficar desconectado de todas as teorias e entendimentos até aqui apresentados. Diante da visão de Homem moreniano também as aulas da formação devem levar em consideração todos estes entendimentos, na medida em que é fundamental um bom clima emocional, a integração e aprendizagem grupal para que possa ocorrer de maneira eficaz a integração do conhecimento adquirido com a experiência vivida.

Romaña (1991) advoga que as abordagens psicodramáticas no ensino são garantidas por espaços de liberdade necessários à aprendizagem bem como ao desenvolvimento global.

O ensino psicodramático procura incrementar o desenvolvimento do comportamento social, juízo crítico e criatividade.

Beacon foi considerado o ponto de partida do ensino do psicodrama com psicodrama, onde se formavam grupos com pessoas de vários lugares do mundo que se encontravam de uma a três semanas sob a direção de Zerka¹³ e de Moreno. Esta formação sustentava-se sob as bases: habilidade, teoria e crescimento pessoal.

Nas palavras de Bustos:

Y comenci a barrar las fronteras entre vivências y pensamiento em um árduo processo de integración. Lloré las lágrimas de lá razón y pensé mis mas profundos

¹³ Zerka Toeman Moreno foi a parceira de Moreno até a época de sua morte, sendo grande responsável pela sistematização da sua obra nos Estados Unidos e a divulgação do psicodrama pelo mundo e com quem ele teve um filho, Jonathan D. Moreno. Co-fundadora da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo.

*sentimentos. Aprendi mucho com dolor y corria el riesgo del olvido porque la inscripción no entrava por lo racional.*¹⁴

Para Amato (2002), aqui Bustos salienta a importância do pensar os sentimentos e sentir os pensamentos na formação do psicoterapeuta psicodramatista. Diz, ainda que, desde a sua criação, o psicodrama foi vivenciado antes de ser planejado ou escrito. Cita Moreno (1993):

Não foi uma obra escrita que o introduziu, nem um bando de escritores colaboradores e protagonistas, mas repetidas apresentações públicas nos jardins, nas ruas, nas unidades militares, nas prisões e nos hospitais.

Moreno baseia-se na lógica Aristotélica ao propor o ensino do psicodrama fazendo psicodrama: “é fazendo que se aprende aquilo que se deve aprender a fazer”.

Disse Bustos (1997):

A melhor forma de aprender psicodrama é praticando-o, nos papéis de de protagonista, diretor, ego auxiliar e membro do grupo. O fator emocional é a estrela guia. Contrariamente à psicanálise, que exalta o racional, a emoção toma lugar central para os psicodramatistas. Quando imersos no escuro, psicodramatistas “sentem” seu caminho, enquanto psicanalistas “pensam” seu caminho.

A abordagem moreniana na educação apresenta pressupostos básicos que segundo Marino (2000) seriam o entendimento do homem como ser em relação, ator e autor social, tramado na sua rede de papéis, aprende se relacionando com:

Conhecer supõe um re-conhecer, mobilizar experiências e aprendizagens anteriores. Implica em experienciar afetiva-corporal e cognitivamente o tema em questão, construir e reconstruir o conhecimento e a si mesmo junto com o grupo de aprendizagem e com o educador.

Amato (2002) considera que se pensarmos na formação psicodramática, esta também deve estar ancorada no encontro, na relação com todas as suas limitações e suas verdades, não sendo possível pensar em uma formação de psicodramatistas na qual não se estabeleça o treino, a pesquisa, a proximidade, o sharing, as vivências, o crescimento deste grupo dentro do seu espaço, o qual é o próprio instrumento das vivências pessoais e coletivas.

¹⁴ Tradução: “E comecei a baixar as fronteiras entre vivência e pensamento em um árduo processo de integração. Chorei as lágrimas da razão e tive meus mais profundos sentimentos. Aprendi muito com dor e corri o risco de esquecer porque a inscrição não entrava pelo racional”.

2.3.3 O professor moreniano ou o educador moreniano

Rubem Alves (2000) discute lírica e seriamente o tema “a formação do educador”. Questiona o conceito de professor e de educador, fazendo uma metáfora com a natureza e com as árvores, deixando ao final seu entendimento do porque educador no lugar de professor:

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

Professores e vocações são como plantas. Viceram e florescem em nichos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e – quem sabe? – necessárias. Destruído esse *habitat*, a vida vai se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra, até sumir (...)

E o educador? Que terá acontecido com ele? Existirá ainda um nicho ecológico que torna possível a sua existência? Resta-lhe algum espaço? Será que alguém lhe concede a palavra ou lhe dá ouvidos? Merecerá sobreviver? Tem alguma função social ou econômica a desempenhar?

Uma vez cortada a floresta virgem, tudo muda. É bem verdade que é possível plantar eucaliptos, essa raça sem vergonha que cresce depressa, para substituir velhas árvores seculares que ninguém viu nascer ou plantou. Para certos gostos, fica até mais bonito: todos enfileirados, em permanente posição de sentido, preparados para o corte e para o lucro. Acima de tudo, vão-se os mistérios, as sombras ainda não visitadas...

Que me entendam a analogia.

Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: jequitibá e eucalipto, não é tudo árvore de madeira? No final, não dá tudo no mesmo?

Não, não dá no mesmo porque cada árvore é a revelação de seu habitat, cada uma delas tem cidadania num mundo específico. A primeira, no mundo do mistério, a segunda, no mundo da organização, das instituições, das finanças. Há árvores que tem personalidade, e os antigos acreditavam mesmo que possuíam uma alma...

Eu diria que educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma ‘estória’ a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que liga os alunos, sendo que cada um é uma “entidade” *sui generis*, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.

Aqui se encontram as ideias morenianas: contexto individual, coletivo, conservas culturais, criatividade, espontaneidade, sensibilidade, leitura do social e toda a sua influência no indivíduo, relação, encontro.

No contexto educativo a principal tarefa da escola e dos educadores é despertar e cultivar a criatividade e a espontaneidade dos alunos mas para que isto aconteça o professor precisa desenvolver um perfil dentro dos pressupostos básicos do entendimento do homem moreniano.

Segundo Marino (2000):

O professor - diretor é visto como facilitador da aprendizagem, responsável pela conexão entre o educando, o grupo-classe, a organização educativa e o contexto

social mais amplo. Cuidando de sua educação continuada, cultiva competência política-relacional, metodológica- técnica e temática (área de conhecimento), buscando participar de modo reflexivo-criativo do Projeto Político Pedagógico da instituição onde se insere.

Em relação à estrutura do trabalho deve ser levado em conta a arquitetura do trabalho psicodramático: os contextos (social, grupal e psicodramático); as etapas (aquecimento, proposta de ação e compartilhar/elaborar) e os instrumentos (protagonista: indivíduo ou grupo, diretor, ego auxiliar, grupo/plateia e cenário).

Em relação à avaliação, na abordagem psicodramática, a autora coloca que é contínua e recíproca, possibilitando a retomada e a compreensão do caminho percorrido, reorientando a ação de todos os envolvidos: educando, educador, grupo, organização.

Puttini (1997) propõe o perfil do professor psicodramatista:

Um professor psicodramatista seria alguém que, por exercitar sua espontaneidade; abriu espaço para sua ação na escola, por acreditar na sua capacidade criadora, já deixou para trás as conservas culturais; é atento e observador, participante das relações humanas; procura promover e estimular a participação e cooperação entre seus alunos. Preocupa-se com todo o grupo e sua relação com seus alunos se dá na perspectiva horizontal, estando sempre com eles e não acima deles e por esta postura favorece a troca e a intersubjetividade; entende que sem o despertar dos estados espontâneos não haverá criatividade; procura estar atento às pistas que possibilitam transformar em ação os conteúdos de aprendizagem; cuida de partir sempre daquilo que cada aluno sabe e sente, recriando esse saber através do protagonista e demais atores do espaço cênico; coloca no espaço cênico também a indisciplina, a tarefa que veio inacabada... Percebe e sente que o espaço cênico também é lugar de reflexão sobre a vida cotidiana e proporciona condições de seus alunos nele colocarem suas questões sociais e políticas mais relevantes.

Entende que a mudança social ocorre a partir da conscientização de cada indivíduo no grupo e por perceber e sentir o crescimento pessoal de cada aluno, encara o pequeno grupo social da sala de aula como um dos possíveis geradores de mudanças sociais.

Apesar dos benefícios elencados por diversos autores na proposta moreniana aplicada na educação no ensino superior, há alguns obstáculos encontrados, segundo Dew (1990). Como principais limites aponta a dificuldade do diretor em aquecer o grupo, resistência dos alunos em participarem da ação e sua pouca espontaneidade e dificuldade em aprender mobilizando simultaneamente a mente e o corpo. Defende que o desejo de participação de cada aluno seja respeitado e à semelhança de outros psicodramatistas a autora é de opinião que, mesmo para os alunos mais passivos, a experiência psicodramática pode ser enriquecedora, pois eles também aprendem através da observação do comportamento de seus pares.

Na práxis psicodramática algumas resistências podem afetar o desenrolar do processo terapêutico e formativo: dificuldades dos alunos agirem e interagirem não verbalmente com o outro; dificuldade em incorporar criativa e espontaneamente os papéis

concedidos; dificuldades provenientes da própria personalidade dos indivíduos, bem como intrínsecas às características do grupo. Coloca ainda a autora que progressivamente moreno parece reconhecer a importância do aquecimento para a superação das resistências. Assim, um aquecimento adequado, no tempo e na qualidade, e uma oportuna intervenção do diretor no ritmo da ação parecem reduzir ou eliminar as resistências observadas. As resistências podem, ainda, provir do próprio diretor (Calvente, 1998; Moreno 1997).

Perazzo (2010) salienta sua preocupação com a coerência e com a qualidade do ensino de psicodrama, levantando alguns questionamentos muito importantes na prática do professor de psicodrama:

- E a ética dos professores de psicodrama?
- Os professores de psicodrama dramatizam em seus locais de trabalho (consultórios, instituições, etc.), fornecendo um modelo psicodramático vivo e vivencial para os seus alunos?
- Os professores utilizam a teoria do psicodrama na leitura de sua prática?
- Os professores utilizam as atualizações teóricas dos psicodramatistas pós-morenianos desde o começo da formação de psicodrama?
- São coerentes na vida com os princípios do psicodrama que ensinam aos alunos?
- Os professores quando precisam de terapia para si próprios ou de supervisão, procuram psicodramatistas para tais finalidades?

Essas são algumas das reflexões que o psicodramatista propõe, acreditando que a ética começa em cada um de nós que tem a responsabilidade de ensinar.

O educador Pacheco (2012) reforça todos os aspectos até aqui colocados em relação ao papel do professor e à pessoa do professor: “Se as escolas são as pessoas que as fazem e se as pessoas agem em função dos seus valores, porque não refletir sobre valores? O professor não ensina aquilo que diz, mas transmite aquilo que é”.

2.3.4 Planejamento da disciplina e a Pedagogia Moreniana

Para Libâneo (1994) “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social e, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários”.

Segundo o Canal de Ensino – Guia de Educação¹⁵ – site de orientação à carreira acadêmica, pesquisa científica e educação, alguns aspectos devem ser considerados na preparação de um plano de aula, entendendo que para um professor preparar um plano de aula

¹⁵ Disponível em: <http://carolineluvisotto.wordpress.com> Acesso: 21/01/2016, às 10h40min.

eficaz requer experiência e dedicação. Assim algumas questões são levantadas e discutidas para levar a realização de um bom plano de aula:

1) Por que isso é importante?

Quando você pretende ensinar alguma coisa essa é a primeira pergunta que você deve se fazer. Você deve estar pronto para responder a essa pergunta a qualquer momento, inclusive, durante a aula.

2) Qual o meu objetivo para os estudantes? O que eles devem ser capazes de fazer ao fim deste conteúdo?

Uma boa maneira de entender se um tema é ou não fundamental é planejá-lo criando objetivos para os seus estudantes, ou seja, o que você espera que eles sejam capazes de fazer ao fim daquela discussão. Compartilhe esses objetivos com os estudantes, isso é fundamental para que vocês estejam alinhados e para que eles conheçam as habilidades mais importantes.

3) Como o tema se encaixa no currículo geral?

Para criar uma aula significativa é fundamental que você conheça todas as maneiras de encaixar o conteúdo no currículo geral do estudante. Não se apegue apenas à sua matéria, vá além e identifique como o assunto tratado na sua sala de aula pode se relacionar com outras disciplinas, isso tende a incentivar os estudantes.

4) O que os estudantes já sabem sobre isso?

Procure entender como você pode ajudar os alunos a desenvolverem o conhecimento prévio sobre o assunto a ser tratado. Antes mesmo de começar a ensinar coisas novas, procure saber o que os seus alunos já sabem sobre aquilo e, a partir daí, comece a trabalhar para incrementar esse conhecimento.

5) Como eu posso despertar o interesse dos alunos?

O início de um capítulo ou unidade é o que vai garantir que os seus estudantes mantenham ou não o interesse naquilo que você está dizendo, portanto, você precisa chamar a atenção deles logo de cara. Uma boa maneira de fazer isso é procurar conexões entre o que está sendo estudado, a cultura geral e a vida do estudante. Outra opção é criar situações nas quais eles teriam de usar o que está sendo aprendido de forma prática.

6) Como eu posso apresentar esse material?

Pense em como aquele conteúdo pode ser melhor compreendido e não se mantenha preso a métodos tradicionais por medo de inovar. É fundamental que você pense nas maneiras como apresentará o conteúdo aos seus estudantes. Vá além do que o livro oferece, procure conteúdo agregado, como vídeos e apresentações, jogos e até mesmo seminários ou

representações. Dessa maneira você poderá incentivar os estudantes em áreas além do que você está ensinando.

7) O que os estudantes farão durante as aulas?

Um bom plano de aulas deve prever diversas situações, inclusive o que os seus alunos farão durante as aulas. Os estudantes serão meros ouvintes ou participarão da aula de maneira ativa? Você proporá atividades práticas ou simplesmente apresentará o panorama do que está sendo tratado. Pensar no que acontecerá dentro de sala de aula é fundamental para criar atividades adequadas.

8) Como eu posso atender as necessidades de cada estudante?

Claro que toda a sala deve receber o mesmo conteúdo, mas você não pode deixar de lado as necessidades particulares de cada um dos seus estudantes. Essa problemática também deve aparecer no seu plano de aulas, ou seja, identifique quais são as principais dificuldades dos estudantes e pense em como resolvê-las. Uma boa dica é ficar atento ao tipo de aprendizado de cada um dos seus alunos.

9) Como eu posso ligar o conteúdo e a rotina dos estudantes?

Se você quer que sua aula seja significativa e relevante, faça com que o conteúdo abordado se aplique de maneira prática na vida dos estudantes. Descubra o que interessa a eles e trate de incluir suas descobertas no plano de aulas. Não se esqueça de que apenas você fazer essas conexões não é suficiente, ofereça a oportunidade de que seus estudantes também encontrem os pontos em comum.

10) Existe alguma tecnologia capaz de melhorar essa tarefa?

A vida dos estudantes basicamente gira em torno da tecnologia, com as redes sociais, pesquisas online e até mesmo grupos de estudo via Internet. Portanto, se você quer realmente chamar a atenção deles, o melhor é fazer isso no meio onde eles mais têm prática. Descubra ferramentas capazes de engajar os estudantes em experiências de aprendizado e dessa maneira eles estarão cada vez mais interessados em praticar o que você ensina. Todas estas orientações que sempre estiveram presentes na pedagogia clássica também foram desenvolvidas na pedagogia moreniana, no primeiro momento por Moreno e após por seus seguidores.

Assim, na formação de psicodramatistas esse conteúdo é desenvolvido com esse mesmo olhar e são discutidas teoricamente, exploradas, vivenciadas na disciplina de Didática II.

Romaña (1996) chamou atenção para os seguintes questionamentos ao se referir ao planejamento de ensino segundo o psicodrama pedagógico, por acreditar que “todo o professor organiza a sua ação baseada nas respostas às seguintes perguntas:

- O que vou ensinar?
- Para que vou ensinar?
- Como ensinar?
- Com quem ensinar?”

Segundo a educadora, a primeira questão remete ao campo do conhecimento, a segunda aos objetivos e a terceira aos meios e métodos e a quarta ao contexto.

Mais tarde, Romaña ampliou os questionamentos em relação à condução/direção do professor em sala de aula:

- Como introduzir as dramatizações em sala de aula?
- Como aconteceria a organização do conhecimento no aluno, quando trabalhado por meio de técnicas psicodramáticas?
- Quais as técnicas psicodramáticas que poderiam ser utilizadas na situação de aprendizagem?
- Como o educador deve organizar a coordenação das dramatizações?

Essas são as questões que foram pesquisadas neste estudo e que serão apresentadas e discutidas na aula dada sobre a Pedagogia Moreniana.

2.4 AS INSTITUIÇÕES FORMADORAS DE PSICODRAMATISTAS

2.4.1 A Federação Brasileira de Psicodrama – FEBRAP

A Federação Brasileira de Psicodrama surgiu e estruturou-se em decorrência de reflexões e discussões do movimento psicodramático brasileiro para institucionalizar-se favorecendo trocas e desenvolvimento das propostas filosóficas, teóricas e práticas de J. L. Moreno.

Foi criada em 21 de agosto de 1976, com o objetivo de regulamentar a formação dos psicodramatistas, que até esse momento era realizada por um grande número de escolas de Psicodrama, em vários estados do País.

Içami Tiba o primeiro presidente e autor do logotipo utilizado pela instituição. Nessa época havia catorze escolas brasileiras de psicodrama, sendo três delas ligadas à abordagem triádica de Pierre Weil, e as onze demais decorrentes do modelo trazido por Bermúdez (Cepeda e Martins, 2010).

Em seu site¹⁶ a FEBRAP informa que é “uma sociedade civil, de direito privado, de caráter científico-cultural, sem fins lucrativos, com duração por tempo indeterminado. Tem por finalidade a união das instituições brasileiras de psicodrama que adotam como base comum a filosofia, a teoria e as práticas propostas por J. L. Moreno”.

2.4.2 As federadas

Congregando 14 instituições à época de sua criação, que foram denominadas federadas, a Febrap estabeleceu como suas as seguintes atribuições:

- a) promover a divulgação do saber psicodramático brasileiro;
- b) estimular a comunicação e a integração dos profissionais através de suas entidades federadas;
- c) possibilitar a comunicação nacional e internacional entre as mesmas.

Hoje, ela está formada por 30¹⁷ federadas distribuídas pelas regiões do Brasil, sendo o maior número no estado de São Paulo, com 13 escolas; sul e centro oeste com 5 escolas; sudeste com 4 e norte/nordeste também com 4 escolas. Entre as escolas da região sul encontra-se a Locus Psicodrama, em Santa Catarina/ Florianópolis, na qual realizei minha pesquisa.

2.4.2.1 A federada Locus

De acordo com seu site 17, a federada Locus Psicodrama, desde 1993, desenvolve um portfólio integrado, oferecendo três linhas complementares de serviço: a Escola, com cursos de Formação, Qualificação e Extensão; a Clínica, com atendimentos psicoterápicos para indivíduos, casais, grupos e famílias; e a Consultoria, especializada no desenvolvimento e implantação de sistemas de Recursos Humanos para empresas de todos os portes e perfis.

A LOCUS Psicodrama iniciou suas atividades em 1986, ainda não como pessoa jurídica constituída, prestando consultoria e terceirização na área de recursos humanos para pequenas e médias empresas, especialmente empresas privadas. Em paralelo, um grande

¹⁶ Disponível em: www.febrap.org.br.

¹⁷ Disponível: <<http://www.febrap.org.br/federadas/Federadas.aspx>> Acesso: 20/01/2016 às 11h21min.

número de cursos e palestras foi ministrado em escolas, associações, secretarias do estado e do município. Aos poucos foi ampliando seu campo de ação com atividades em outras cidades de Santa Catarina e, posteriormente, em outros estados do país. Em 1993, constituiu-se pessoa jurídica quando obteve sua designação atual. Durante todo este período desenvolveu suas atividades majoritariamente em equipe. A partir de então se expandiu em ações e geografia, criando não só uma escola de Formação de Psicodramatistas, com um curso hoje reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, como uma pós-graduação *Latu Senso*. Desde 1997 é reconhecida e afiliada pela Federação Brasileira de Psicodrama - FEBRAP. Em 2009, adquiriu uma sede própria e inaugurou a sua Escola & Clínica.

2.4.3 As diretrizes

Os Princípios Gerais Normativos da Formação e titulação em Psicodrama segundo a FEBRAP, (Anexo 1), prevê que somente poderão cursar o nível II os psicodramatistas formados por instituições reconhecidas pela FEBRAP. Estabelece um mínimo de 120 horas, conforme o quadro Matriz Curricular – Níveis I, II e III e não estão incluídas as horas de orientação de Monografia e de Psicoterapia Psicodramática.

Acatando e ampliando as diretrizes básicas da Federação Brasileira, a Escola Locus prevê a duração de 12 meses e carga de 15 horas por módulo aos finais de semana, para o Curso de Formação de Psicodramatistas nível I. Este curso é destinado exclusivamente aos psicodramatistas que pretendem seguir carreira e se dedicarem ao ensino do Psicodrama e à psicoterapia de psicodramatistas. Busca aprofundar a perspectiva da pesquisa nos estudos e práticas realizadas à luz da abordagem Moreniana, considerando sua contribuição peculiar às ciências humanas: a Socionomia como ciência da ação comprometida, com a transformação do ser humano e suas relações.

Já para o Nível I, onde esta pesquisa foi realizada, a Locus Psicodrama prevê curso de formação tanto no foco clínico quanto socioeducacional.

O foco clínico está formatado sob medida para Psicólogos e Médicos que pretendem trabalhar com psicoterapia, esta especialização qualifica para o diagnóstico, prognóstico e tratamento dos conflitos intrapsíquicos e interrelacionais. É orientado pela emoção, pelo grupo e pela co-criação, pois busca promover estados espontâneos, discriminação e integração, a harmonia entre o individual e o coletivo, o mundo interno com a realidade compartilhada. Produz catarse emocional e insights cognitivos.

Já o foco socioeducacional é destinado aos que lidam com pessoas, relações e grupos nas áreas da Educação, Organização e Instituição, este curso é ideal para magistrados, pedagogos, administradores, assistentes sociais, engenheiros, enfim graduados e graduandos em geral. Com duração de 540 horas, durante 36 meses, ocorre um encontro mensal numa sexta-feira das 17h às 22h e no sábado seguinte das 8h às 18h e é composta por aulas teórico-práticas, supervisão e vivências em grupo. De acordo com a diretoria de ensino e pesquisa da escola o programa do curso, homologado em 2011/2012 é constituído das seguintes disciplinas:¹⁸

- Fundamentos do Psicodrama
- Sociometria e Teste Sociométrico
- Sessão e Técnicas Psicodramáticas
- Teorias do Desenvolvimento
- Psicopatologias
- Expressão Corporal e Treinamento Sensorial
- Sociometria e Sociodrama
- Jogos Dramáticos
- Ateliê de Papéis de Diretor e Ego Auxiliar
- Metodologia da Pesquisa Científica
- **Didática**
- Teatro Espontâneo
- Psicodramas Especiais.

O negrito da palavra **Didática** destaca a disciplina do curso, alvo desta pesquisa cuja ementa e conteúdo programático¹⁹ são:

Apresentar a Pedagogia Moreniana e os princípios filosóficos e metodológicos Moreniano aplicados à educação. Abrange desde a atuação do Psicodramatista nas instituições de ensino, como as questões ligadas ao processo de ensino aprendizagem e as modalidades psicodramáticas de didática.

Didática I - Aprendizagem Moreniana
(Perspectiva de quem aprende)

¹⁸ Site < <http://www.locuspsicodrama.com.br/empresa>> Consulta em 22/01/2016, às 12 horas.

¹⁹ Fonte: Informação prestada pela Coordenação do Curso de Formação em Psicodramatista Foco Socioeducacional e Clínico, Nível I da Escola Locus Psicodrama, em 10/01/2016.

Apresentar os princípios filosóficos e metodológicos morenianos aplicados à educação. Abrange as questões ligadas ao processo de ensino aprendizagem.

Estabelecer uma correlação com os conceitos de didática e educação, segundo vários autores; Freire, Rubem Alves, Piaget, entre outros. Refletir sobre as competências para educação, emocional, cognitiva, relacional, técnica na concepção do aprendizado. Correlação entre artigos de revistas, textos de autores do psicodrama na educação.

Didática II – Pedagogia Moreniana

(Na perspectiva de quem ensina)

Fornecer o pleno entendimento da Metodologia pedagógica Moreniana e sua forma de atuação na situação de aprendizagem. Formas de atuação na situação de aprendizagem. Possibilidades de utilização da Pedagogia Moreniana nos ambientes corporativos e sociais.

Pedagogia Moreniana

Etapas

Instrumentos

Técnicas

Campo de ação do educador

Trabalho mais focado nos papéis profissionais

Níveis de Ação:

- Simbólico = síntese do conhecimento
- Fantasia = descobertas e associações com a realidade.
- Real = experiência vivida

Análise e compreensão do conhecimento ou situação.

Role-Taking = Experienciação de papéis

Role-Playing = Treinamento de papéis

Role- Creating = criar com liberdade e adequação no papel treinado

Nas organizações – Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal

Pedagogia Moreniana nas Instituições sociais e comunitárias

(Como ensinar utilizando o psicodrama nas atividades sociais, institucionais)

Didática III Escolar

Refletir sobre o papel do psicólogo educacional e suas diferentes formas de atuação. Apresentar a forma de Psicodrama na educação corporativa. Desenvolver um projeto de educação.

A disciplina Didática II é o *locus* desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Todo trabalho científico deve estar fundamentado em métodos para que seus objetivos sejam alcançados e seus resultados sejam aceitos pela comunidade acadêmica. Assim, é necessário que a questão da pesquisa, os métodos e técnicas utilizados, o delineamento da pesquisa, as definições constitutivas e operacionais das categorias de análise, a coleta de dados e forma de análise e as limitações da pesquisa fiquem esclarecidos.

Segundo Brito (2006), “a escolha da metodologia psicodramática diz respeito a um modo específico de compreender-descrever os fenômenos humanos e não apenas observá-los e registrá-los”.

Com base nos objetivos específicos, foram estabelecidas as seguintes questões desta pesquisa: contribuir no aprimoramento do ensino da pedagogia moreniana no ensino do psicodrama, identificar as dificuldades encontradas pelos professores na utilização da metodologia, propor um plano de aula que respeite a pedagogia psicodramática e compartilhar com outros professores as experiências em outras escolas.

Por concentrar-se na investigação de uma única instituição de ensino, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso. Nessa tipologia, o ponto forte é o de permitir o estudo de um fenômeno em profundidade dentro de seu contexto, permitindo uma análise processual à medida que eles ocorrem dentro das organizações.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema existem duas perspectivas para a realização da pesquisa: a pesquisa quantitativa e a qualitativa. (RICHARDSON, 1989; ROESCH, 1999) A pesquisa quantitativa significa transformar opiniões e informações em números para possibilitar a classificação e análise. Já a pesquisa qualitativa considera que há uma relação indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Neste tipo de pesquisa, conforme Godoy (1995) e Richardson (1989), os dados não são analisados por meio de instrumentos estatísticos, pois a mensuração e a enumeração não são o foco deste tipo de pesquisa. Esta a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, tendo por objeto de estudo a utilização da pedagogia moreniana no ensino do psicodrama.

Para a coleta de dados foram utilizados os registros da aula de Didática II: plano, relatos escritos e filmagens dos trabalhos realizados.

Vergara (1997, p.59) afirma que “todo método tem possibilidades e limitações” em sua realização. Assim esta pesquisa está limitada ao estudo de uma turma – Turma 33 da escola Locus Psicodrama de Florianópolis.

4 APRESENTAÇÃO DA AULA E DISCUSSÃO

Relato da aula Didática II – Pedagogia Moreniana

Este estudo tem como população/amostra 16 alunos em formação de psicodrama nível I, foco socioeducacional, sendo 11 psicólogos, 1 advogada, 1 arquiteto, 1 engenheira civil, 1 fonoaudióloga e 1 pedagoga.

A pesquisa foi realizada em Florianópolis/SC na sede da escola Locus Psicodrama no período de 24/7/2015 à 25/7/2015, perfazendo 15 horas de trabalho. Destas, 3 horas estavam dedicadas a supervisão e outras duas à vivência psicodramática. Ato contínuo inicia a parte da pesquisa destinada a investigação do objeto desta pesquisa, a saber o estudo da utilização da Pedagogia moreniana no ensino da própria pedagogia moreniana.

Na escola Locus a pedagogia é ministrada em 30 horas distribuídas em 20 horas exclusivas para o ensino da aplicabilidade do psicodrama no setting escolar, incluindo o papel do psicodramatista escolar, teorias da educação etc. e 10 horas exclusivas para o ensino da pedagogia moreniana. Esta pesquisa restringe-se a este momento.

Embasado no conteúdo programático oferecido pela instituição, a elaboração do Plano de aula está distribuída em 6 blocos desenvolvidos ao longo de dois dias, ou seja, sextas feiras das 17h às 20h para supervisão, das 20h às 22h para vivência terapêutica e aos sábados das 8h – 10h, 10h – 12h, 14h - 16h, 16h – 18h. para a aula. A estrutura e planejamento da aula do conteúdo trabalhado foi realizada respeitando a mesma estrutura descrita no ato socionômico, desenvolvendo-se através das três etapas: aquecimento (inespecífico e específico), dramatização e compartilhar.

No primeiro bloco, compreendido entre 8 e 10 horas iniciamos o aquecimento inespecífico com apresentação da pesquisadora, na sequência foi entregue o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os alunos assinaram. Ainda dentro do aquecimento inespecífico e buscando o reconhecimento grupal foi realizado um mapeamento verbal da atuação profissional e/ou áreas de interesse de atuação dos alunos para posteriormente se agruparem, formando grupos de 3 ou 4 pessoas, por identificações e interesses.

O aquecimento é uma das etapas mais importantes por incluir o aquecimento do diretor/coordenador/professor sendo mantida até a fase do compartilhamento.

Segundo Amato (2002):

O aquecimento do diretor é uma busca subjetiva. Cada um deve achar o seu próprio motor de arranque ou, melhor dizendo, o seu caminho para o aquecimento na execução da direção. Entretanto, podemos ter alguns sinais para nos orientar, por

exemplo: buscamos no psicodrama a espontaneidade, o ato livre de ansiedade e angústia do diretor, pois estas são paralisantes [...] Jamais se deve negar a consciência do nosso real estado afetivo ou “de espírito” no momento da direção.

Dessa forma, podemos descrever dentro da etapa de aquecimento a espontaneidade/criatividade tanto do diretor quanto do grupo.

Sendo uma busca subjetiva, o aquecimento da direção da aula começou já no planejamento com a escolha da bibliografia, das imagens e dos recursos selecionados.

O momento da supervisão bem como de terapia grupal também foram aquecendo o grupo para o tema que seria desenvolvido no dia seguinte, quando a temática educação (“um momento em que aprendi algo na escola, na família ou no trabalho...”), conflitos na escola, medo, esperança, acolhimento, vínculo... foram trabalhados em um sociodrama.

O trabalho mobilizou o grupo para o “papel de quem aprende”, sem deixar de refletir o papel “de quem ensina”, o que é impossível separar já que se dá em via de “mão dupla” e no vínculo.

Amato (in Bustos, 2005):

Ouvir o grupo é, além de conhecer a demanda grupal, analisar o clima protagônico para o exercício da atividade; é olhar o contexto grupal, a dinâmica do grupo, os possíveis conflitos entre os membros ou entre um deles e o coordenador. Não se pode passar para a fase psicodramática se houver uma questão sociodramática anterior: o contexto grupal é a base anterior ao contexto psicodramático.

A partir desse levantamento, iniciou-se o aquecimento específico para a ação e cada grupo deveria planejar uma miniaula ou palestra sobre um tema escolhido e em seguida apresentar para o grande grupo. Combinamos que cada apresentação seria filmada e fotografada. Propositamente não foi dada nenhuma consigna quanto à metodologia da apresentação, considerando a importância de colher o conhecimento que cada um carrega a partir de suas vivências.

Segundo Puttini (1991):

Aquecimento: momento em que o professor, através de recursos específicos, prepara o aluno para a dramatização. O aquecimento pode ser inespecífico e específico. O inespecífico consiste em uma preparação geral do grupo para a introdução de um tema, e o específico já prepara o protagonista e coadjuvantes para a execução da proposta dramática. A proposta dramática, por sua vez, pode vir do professor ou emergir dos alunos.

A sessão/aula do psicodrama educacional também utiliza os mesmos instrumentos que o psicodrama terapêutico: diretor (professor), protagonista (alunos ou grupo como um

todo: sociodrama), egos-auxiliares (alunos no papel de egos), cenário e plateia. Utilizam-se os três contextos: social (o mundo do aluno), grupal (os participantes da aula/sessão) e o dramático (as vivências encenadas pelo protagonista).

Concluído o tempo 15 minutos de planejamento e definido o tema protagônico grupal iniciaram as dramatizações de várias situações de ensino-aprendizagem: na escola, na clínica, na mediação de uma advogada de família e na empresa os grupos passaram a se apresentar, ministrando uma miniaula com o tempo de 10 minutos cada um dos três grupos formados.

O primeiro grupo constituído por 3 psicólogos e um arquiteto apresentaram a miniaula sobre o tema “Psicologia Organizacional”. Na cena uma psicóloga assume o papel de psicóloga organizacional durante um treinamento sobre a política da empresa frente as postagens em redes sociais”. Os demais integrantes assumem o papel de colaboradores, trazendo suas dúvidas e queixas. A aula transcorre tranquilamente de forma expositiva e verbal.

O segundo grupo cuja proposta era a miniaula sobre “métodos de medição métrica” para alunos do curso de engenharia civil, constituído por uma engenheira civil e dois psicólogos, que assumiria o papel psicodramático de uma professora titular e dois professores auxiliares. Ao iniciar a cena, a professora titular atende uma ligação telefônica da diretora da escola, solicitando as medidas da sala para a compra de um tapete. A proposta foi a criação de uma situação – problema, no aqui-agora para que servisse de estímulo aos alunos na solução do problema. A cena transcorreu com ludicidade e foi sendo introduzido o conceito do psicodrama pedagógico moreniano.

O terceiro grupo, constituído por 1 advogada e 5 psicólogas desenvolveu a miniaula sobre “Psicologia Jurídica no Direito de Família”. Na cena a advogada no papel de advogada da vara de família com formação em Psicodrama convida psicólogas psicodramatistas para acompanharem e dirigirem uma consulta sobre guarda compartilhada e alienação parental. Os demais integrantes assumiram os papéis de pai, mãe e filho. Foram utilizadas as técnicas de entrevista, solilóquio e duplo.

Cada grupo apresentou-se e apenas ao final de todos foi aberto momento para discussão, evidenciando o quanto as experiências vividas por cada participante acabaram aparecendo nas aulas apresentadas.

A proposta neste momento era justamente buscar saber o que o aluno sabe sem interferência do professor para, a partir daí e aproveitando esse saber ir construindo o conteúdo da aula, pois a pedagogia moreniana indica que o aluno tem um saber próprio e que

deve ser utilizado. São suas conservas culturais que devem ser utilizadas como patamar para a construção de outros saberes. Neste sentido pudemos identificar que o fato de já estarem em contato com o psicodrama na própria formação vários aspectos da pedagogia moreniana já é familiar aos alunos. Como exemplo podemos citar a própria divisão das aulas nas etapas da sessão de psicodrama, conteúdo já adquirido ao longo do curso.

Essa discussão foi aquecendo o grupo para o momento da dramatização, segunda etapa da sessão.

Para Puttini (1991):

Dramatização: envolve a ação de alguns alunos que dão vida ao tema determinado, recriando-o através de sua ação e participação.

A dramatização pode ocorrer em três níveis: num primeiro, onde damos aos alunos oportunidades de expressarem o que sabem e sentem em relação ao tema, considerando-se aqui o significado emocional deste tema para o aluno. No segundo nível, ocorre uma elaboração do conteúdo apresentado pelos alunos e, no nível final, de posse do conhecimento, o aluno poderá encontrar alternativas de emprego e expressão deste conhecimento.

Na etapa da dramatização o grupo passou a fazer contato com imagens, colocadas no chão, de alguns personagens que influenciaram a sociedade com seus estudos, entre eles: Henri Wallon (1879- 1962), Jacob Moreno (1889-1974), Lev Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980), Paulo Freire (1921-1997) e Rubem Alves (1933-2014).

Ao fazer contato com cada um, num primeiro momento caminhando e visualizando as imagens, os alunos que se identificaram foram convidados a participar do “Café Filosófico”¹³ tomando o papel de cada um dos personagens para filosofarem sobre suas teorias, visão de homem, princípios filosóficos e envolvimento com a educação. Os demais alunos constituíram a plateia – um dos elementos da sessão.

A dramatização contou com a apresentação de cada um dos alunos/educadores e alunos/psicólogos onde no “como se” foi possível discutir, bem como, explorar o conhecimento de cada um dos alunos sobre o papel escolhido. A conversa (entre os filósofos no café) desenvolveu-se espontânea e criativamente, com perguntas sobre o que os levou a desenvolver sua teoria, que dificuldades encontraram no seu contexto histórico e social e como estavam percebendo a educação nos nossos dias. A apresentação iniciou com a aluna K²⁰ no papel de Paulo Freire:

Eu vim contribuir e resgatar o contexto e cultura de cada região brasileira em um momento de grande influência das ideias americanas.

²⁰ Todos os nomes foram omitidos para preservar a identidade dos participantes. Para tantos, utilizam-se letras do alfabeto.

A aluna J., no papel de Wallon:

Venho da Europa e muito contribui na educação das crianças trazendo a importância da natureza e dos principais elementos da natureza.

N., no papel de Rubem Alves:

Eu nasci muitos anos depois de vocês e as questões de ouvir a criança nas suas necessidades ainda permanecem mesmo muito tempo depois.

E, no papel de Vygostky:

Questiono o porquê que depois de tanto tempo seguimos discutindo as mesmas questões?

S., no papel de Moreno:

Concordo com Rubem Alves que podemos vencer as conservas culturais. No nosso processo civilizatório perdemos nossa espontaneidade e criatividade.

A, no papel de Piaget, pouco participou das discussões, sendo apenas citado em alguns momentos em relação ao trabalho realizado estudando as fases do desenvolvimento infantil.

Foi discutido o porquê que depois de tanto tempo as pessoas seguiam com dificuldades na relação e o quanto a tecnologia poderia influenciar positiva ou negativamente na educação e nas relações

S., no papel de Moreno, disse:

[...] toda época tem seus males e suas doenças.

J., ao assumir o papel de Rubem Alves falou que gostava muito das ideias de Moreno em relação à alegria, espontaneidade e criatividade e que deveriam se unir com toda a tecnologia existente, aproveitando-a da melhor maneira.

K., como Paulo Freire, complementou questionando:

[...] como seria possível transpor a barreira da tecnologia sem ficar produzindo uma educação bancária?

Durante o “encontro” dos pensadores, os alunos no papel assumido – *role-playing* ou jogo psicodramático de papéis - foram trazendo seus conhecimentos acerca da história de vida, da construção teórica feita por cada um deles e a conversa foi acontecendo de forma espontânea e lúdica. Em alguns momentos um ego auxiliar entrava para complementar alguma informação ou para fazer o “duplo” do personagem que trocava ideias com os demais colegas sobre o tema do homem na sociedade e de como percebiam a educação, a importância da relação do professor e do aluno e de como se dá a aprendizagem.

Segundo Kaufman (1998), para Moreno, a finalidade do jogo de papéis (*role-playing*) é “proporcionar ao ator uma visão dos pontos de vista de outras pessoas, ao atuar o papel de outros, seja em cena, seja na vida real”, o que ficou claro que aconteceu neste momento do trabalho realizado. Complementa ainda que é chamado de *role-taking*

[..] o processo de tomar ou aceitar um papel, de *role-playing* o desempenho de forma convencional, sem nele colocar muitas características pessoais. Já o desempenho de papel feito com certo grau de liberdade é chamado de *role-creating*.

Segundo Romaña (1996):

Nenhum conhecimento adquire vida no aluno, aprendiz ou treinado, se não há um campo propício ou disponibilidade para isso e quando dramatizamos o conhecimento no nível real ou da experiência, nosso objetivo é o de ‘carregar’ o campo do conhecimento com maior quantidade de experiência que o grupo possa fornecer com relação a ele, e, além disso, o de dar àquele conhecimento o ‘tom afetivo próprio desse grupo. Por isso, em geral, o conhecimento surge, inicialmente, proposto pelo grupo com base no que ‘se sabe’ a respeito das coisas ou de como elas ocorreram.

A dramatização foi encerrada com a despedida e agradecimentos aos participantes pelo rico momento vivenciado.

Na etapa seguinte os alunos compartilharam como se sentiram no papel escolhido, do quanto sabiam de cada um dos educadores sem que estivessem preparado anteriormente o conteúdo e do quanto haviam aprendido ouvindo os demais colegas. Relataram também o quanto ainda hoje as mesmas questões ainda são discutidas e que todos eles estavam à frente do seu tempo.

Para Puttini (1998) a etapa dos comentários/ Sharing: parte final, onde os protagonistas da dramatização e o grupo relatam as suas percepções e sentimentos sobre o trabalho desenvolvido.

Foi possível perceber que “a metodologia psicodramática localiza inicialmente o conhecimento em sua ‘matriz de identidade’, ou seja, na experiência da qual decorre, procurando em seguida levar o aluno a níveis mais sutis de abstração e de generalização. Para Romaña este “fazer” resgata o verdadeiro sentido da palavra “ação” e da espontaneidade.

Como etapa de aquisição do teórico foi apresentado pela professora pesquisadora data show com o conteúdo mais organizado e estruturado do que estava sendo trabalhado até então de maneira espontânea e criativa, levando em consideração no primeiro momento as experiências, vivências e leituras de cada aluno em relação aos temas desenvolvidos. A poesia

de Moreno “Divisa” (anexo 2) foi apresentada e a música “Espaço Liso” de Paulinho Moska²¹ (Anexo 3), buscando o olhar comum dos autores de tempo e formações distintas mas que compartilharam do mesmo olhar de homem, relação e experiências de vida.

A partir do conteúdo vivenciado e posteriormente organizado teoricamente foi proposto planejamento de outros momentos de ensino-aprendizagem baseados nos ensinamentos morenianos e na Pedagogia Moreniana.

Novamente foram formados grupos por afinidade de temas e após um determinado tempo cada um deles apresentou sua miniaula para o grande grupo. Esse momento, também foi gravado para que os alunos pudessem assistir cada aula e realizar a análise teórica e prática pertinente ao término das apresentações, comparando com a primeira aula dada.

O primeiro grupo foi constituído por uma fonoaudióloga e duas psicólogas desenvolvendo o tema “como a voz é emitida”. Na cena, a aluna N no papel de fonoaudióloga professora do curso de psicologia, ao invés de limitar-se a uma exposição teórica, convidou dois colegas/alunos para assumirem o papel de cordas vocais, dramatizando como acontece a emissão da voz com todos os movimentos envolvidos nesta ação.

O segundo grupo, constituído por dois psicólogos, apresentou como trabalhar com argila em sessões individuais, grupais e na sala de aula com grupo de profissionais da saúde e da educação. A psicóloga que dirigiu o trabalho propôs a vivência do trabalho com a argila com um colega.

O terceiro grupo de 6 psicólogos apresentou uma miniaula sobre planejamento coletivo de uma “entrevista inicial para avaliação psicológica de pacientes encaminhados para cirurgia bariátrica em uma clínica escola de psicologia”. Os demais integrantes no papel de profissionais da saúde, discutiram e refletiram sobre o tema, esclarecendo conceitos, restrições, avaliação médica, acompanhamento emocional do paciente pré e pós-operatório, questões éticas envolvidas neste procedimento.

Concluídas as dramatizações os alunos compartilharam suas experiências em cada um dos papéis desempenhados e mais uma vez foi colocado a importância da vivência no papel para a aprendizagem, no que se refere à compreensão do conteúdo, participação e valorização do conhecimento que cada aluno carrega consigo e na leveza, criatividade, espontaneidade e ludicidade que as dramatizações proporcionaram ao longo do dia. O

²¹ Paulo Corrêa de Araújo, também conhecido por Moska ou Paulinho Moska, é um cantor, compositor do gênero MPBeMusica Pop, Rock e ator brasileiro, nascido em 27 de agosto de 1967, no Rio de Janeiro,

momento da análise das gravações feitas foi muito rico, possibilitando a avaliação do conteúdo desenvolvido.

Foi possível observar o quanto as aulas planejadas nos dois momentos, antes e depois do desenvolvimento do conteúdo ficaram bem próximas da proposta da pedagogia moreniana por se tratarem de alunos em formação em psicodrama, já identificados com o olhar de Homem moreniano.

Chamou atenção o quanto os alunos já traziam em suas colocações e dramatizações a leitura crítica da educação tradicional, na medida em que não foi dada a consigna de realizar uma aula nos moldes morenianos no primeiro momento da aula.

No grande grupo os principais conceitos da teoria de Moreno na educação foram explorados, entre eles mais especificamente desenvolvidos os conceitos de: visão de homem moreniano, grupo, papéis, tele/empatia, vínculo, espontaneidade/ criatividade/ sensibilidade, etapas da sessão (aquecimento, dramatização e sharing), elementos da sessão, técnicas utilizadas, conserva cultural, contextos, entre outros.

Também ficaram evidenciadas várias situações da prática educativa em que as dramatizações podem ser utilizadas segundo Romaña para fixar e exemplificar o conhecimento, para encontrar as soluções alternativas aos problemas disciplinares, para desenvolver papéis novos, como prevenção de situações ansiógenas, para sensibilizar grupos, para elaborar mudanças e avaliar o trabalho de equipe em qualquer nível escolar ou outro espaço de ensino-aprendizagem, como trabalhos de grupos em comunidades, hospitais, grupos de orientação e temáticos, palestras, seminários e tantas outras possibilidades de atuação que o profissional com formação em psicodrama socioeducacional poderá atuar.

Outros importantes educadores poderiam fazer parte desse “café filosófico”, como Zerka Moreno, Maria Montessori, Maria Alícia Romaña, Anísio Teixeira, pois suas contribuições também foram fundamentais para o desenvolvimento da didática e da educação. Com certeza, ficarão para outra oportunidade, em outra aula ou em outro trabalho sobre a pedagogia moreniana, já que apenas após o processamento de uma sessão/aula/palestra dada muitas questões são percebidas e novas possibilidades surgem e aqui não foi diferente.

Também o diretor amplia o seu olhar, ressignifica conhecimentos e verdades após um trabalho realizado e devidamente processado.

Além deste momento foi distribuído material contendo textos e indicações bibliográficas de vários autores para serem explorados em pequenos grupos e após abrindo discussão no grande grupo. Mais uma vez a proposta foi sistematizar e ampliar o conhecimento de cada aluno a partir da vivência de cada um, ampliando com leituras e

discussões de situações na sala de aula, na clínica, na instituição ou mesmo no contexto familiar.

Segundo Marino, Fava, Wechsler e Sgorbissa (2005):

A educação é entendida como um fenômeno multifacetado, que no seu acontecer, no seu dar-se, abre-nos a possibilidade de sermos humanos. Tal fenômeno emerge nas relações que estabelecemos com o outro, com o mundo, conosco mesmos. Relações que são formais ou informais, marcadas pelas contingências sociopolíticas e culturais de dado contexto histórico, explicitado ou não, atravessados pelas dimensões corporal, afetiva e cognitiva.

Concluindo o módulo, foi feito o processamento da aula, incluindo a supervisão e terapia de grupo que não ficaram desconectadas do todo e foram fundamentais no processo de aquecimento para o tema em estudo, até este último momento.

O processamento é considerado a última etapa da sessão que tem por objetivos as questões didáticas, de entendimento técnico. Segundo Amato (2002) “nesta fase priorizamos a investigação da conduta terapêutica”, na situação relatada da conduta do professor/diretor.

Como professora/diretora da sessão/aula, foi possível avaliar os recursos utilizados e alcance didático da aula ministrada, bem como o que poderia ter feito, como e quando. Neste papel meu campo de conhecimento também foi questionado e ampliado, tanto no aspecto cognitivo como no afetivo, na medida em que na abordagem psicodramática a avaliação é contínua e recíproca.

4 CONCLUSÃO

*Primeiro faça, depois ame fazer,
para compreender o que você ama e faz.*
Heralde Silva

A frase acima, “Primeiro faça, depois ame fazer, para compreender o que você ama e faz”, da educadora e psicodramatista Heralde Silva, vem ao encontro da lógica Aristotélica “é fazendo que se aprende o que se deve aprender a fazer”, ampliando para o fazer com amor e com possibilidade de compreensão desse fazer, do fazer do papel do educador, do psicólogo, do pedagogo e de todo profissional que acredita na importância da relação e do vínculo no processo de aprendizagem e de troca.

Segundo Romaña (1996):

Educador é aquele mestre, professor, assistente, orientador, instrutor, que, em qualquer tarefa educativa, procura conciliar a transmissão de conhecimentos sistemáticos – para uma melhor compreensão do mundo e das possibilidades e limitações do homem - com a necessidade de facilitar ao aluno o reconhecimento dessa sua realidade imediata e concreta, de modo que ele possa desenvolver tanto a sua compreensão crítica e ativa, como sua vontade transformadora.

Por isso, acreditamos que existe educação na medida em que existem ações adequadas, criativas e autônomas, organizadas por meio da aquisição e da aplicação de conhecimentos, mas também da interação com os outros e com o ambiente ou meio do qual faz parte o educando.

A autora complementa ainda que:

Técnica nenhuma, nem a mais sofisticada, faz o educador, já que nele o importante e fundamental continuará sendo sempre a sua concepção de homem e do seu destino, sua concepção tanto da sociedade de nossos dias como daquela sociedade que, com sua ação, ele ineludivelmente, de uma ou de outra forma, constrói para o futuro. (Romaña, 1996).

Para Romaña (1985) “o conhecimento tem sua matriz de identidade na experiência” e neste sentido a pedagogia moreniana nos leva ao entendimento da maiêutica socrática (a arte de parir) como os recursos mais antigos para aprender e ensinar:

A **maiêutica socrática** tem como significado “dar à luz”, “parir” o conhecimento (em grego, — *maieutike* — significa “arte de partejar”). É um método ou técnica que pressupõe que *a verdade está latente em todo ser humano, podendo aflorar aos poucos na medida em que se responde a uma série de perguntas simples, quase ingênuas, porém perspicazes.*

A origem etimológica da maiêutica remonta à língua grega e está relacionada com a obstetrícia, a disciplina que ajuda ao nascimento. Sócrates orientou o conceito para a filosofia uma vez que a maiêutica ajuda no nascimento, não de um bebê, mas de um ser pensante/pensador.

A ideia da maiêutica pode aplicar-se ao sistema educativo quando se entende que o conhecimento se constrói de maneira colaborativa. O docente não deve dar respostas ao aluno, mas incentivá-lo a ter dúvidas e preocupações, isto é, a desenvolver a sua heurística, que o levem a pensar e a reflectir até produzir as suas próprias noções. O

professor, por conseguinte, deve dialogar com o estudante e ajudá-lo a encontrar respostas nas suas análises.²²

Segundo Fava, em participação via Skype no ENPS de Florianópolis/ SC/2015, “a visão de homem do psicodramatista é o que dará condições do mesmo se apropriar do seu papel sem perder a sua identidade”. Ressalta a importância do *role-playing* do psicodramatista que deve ser acompanhado de terapia, treino, entrada no palco e muito estudo em lugar seguro, como um “parto assistido”. Fava também chama atenção para a importância do registro da sessão para realização do processamento. Acredita que o psicodrama é a única metodologia capaz de dar conta da realidade contemporânea com tantos conflitos nas relações.

O processamento entendido por Kellermann (1998) como “discussão didática que tem como objetivo melhorar as habilidades profissionais do trabalho psicodramático realizado” busca levar à possibilidades de um exercício reflexivo do didata no ensino do psicodrama que nunca estará pronto e acabado.

A formação do professor de psicodrama, assim como a do ser humano é permanente e o desenvolvimento e aperfeiçoamento está apoiado em três pilares, segundo Romanã (2009): a maturidade pessoal, a reflexão crítica sobre a prática e o estudo reflexivo e atualizado dos conteúdos com que o professor trabalha.

Outro objetivo relevante alcançado neste trabalho diz respeito ao compartilhar o papel do didata na sua intimidade e nas inquietudes da sua prática (dúvidas, acertos e desacertos), contribuindo para o aprimoramento do ensino da pedagogia moreniana.

Trabalhar com a pedagogia psicodramática exige do professor, além da formação adequada e do conhecimento teórico o desenvolvimento pessoal da criatividade, espontaneidade, capacidade de estabelecer vínculos, tele, empatia, ou seja, o “professor moreniano” como o “homem moreniano”, apaixonado e interessado em desenvolver outros profissionais psicodramatistas, bem como de trabalhar com grupos em diversos contextos e situações.

Este estudo demonstrou a possibilidade de aplicação da pedagogia moraniana no ensino da didática moreniana bem como o desafio que o professor no ensino do psicodrama tem ao lutar contra as conservas culturais da educação, sendo ele, em primeiro lugar um ser espontâneo e criativo no seu papel de professor e na sua relação com o seu aluno, com o seu

²² Conceito de maiêutica - O que é, Definição e Significado. Disponível em: < <http://conceito.de/maieutica>>. Acesso: 23/01/2016.

grupo, compartilhando assim, da mesma visão de Homem moreniano. Este estudo mostra como o produto reflete o processo referendando-o e ou transformando-o.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só desperta paixão de aprender quem tem paixão de ensinar. Paulo Freire

Esta pesquisa proporcionou uma viagem pela história da educação nos diferentes momentos dos grupos sociais, chegando à Moreno, na sua história, sua criação, seus seguidores no psicodrama e na pedagogia psicodramática.

A experiência em sala de aula com um grupo de alunos entusiasmado, reflexivo e participativo em relação ao tema explorado, facilitou o trabalho da professora, bem como as condições fornecidas pela escola de apoio aos recursos necessários e quanto ao local físico.

O número de participantes na aula foi outro aspecto que proporcionou condições do envolvimento de todo o grupo nos vários momentos de dramatização e nos diversos papéis envolvidos, pois “a dramatização usada como forma de estímulo ao uso da espontaneidade proporciona para o aluno momentos entre realidade e fantasia, que estabelecem relações onde o ‘sentir’ vai conduzindo a estruturação lógica do conhecimento.” Passos (1991).

Algumas questões foram levantadas como sugestões para novos estudos, bem como para avaliação nesta e em outras escolas de formação:

- A pedagogia psicodramática é utilizada em todas as disciplinas da formação em psicodrama?
- Quais são as dificuldades encontradas no ensino do psicodrama?
- As escolas estão atentas para o desenvolvimento do professor de psicodrama e promovem momentos de trocas e compartilhamento das experiências vividas?
- Como se dá essa problemática estudada nesta pesquisa no nível II, na formação dos Didatas? E dos Psicodramatistas Didatas Supervisores – nível III?
- Em todas as aulas nas escolas de formação em psicodrama ocorrem o processamento das aulas dadas com o enfoque da metodologia moreniana, realizando um processamento pedagógico?
- E nas situações de grupos em estudo e treinamento em psicodrama, ocorre processamento? A Pedagogia é contemplada?

Responder a essas perguntas já se constitui proposta para novos estudos.

Esta pedagogia propicia aos alunos melhores condições de aprendizagem do conteúdo desenvolvido em si, ficando coerente com a visão moreniana de Homem, ao proporcionar uma vivência onde o conhecimento passa pelo nível intelectual e pelo intuitivo, pois a sensibilidade cria condições de criar e de estabelecer novas relações e conhecimentos.

À autora, proporcionou avaliação e questionamentos da sua prática pedagógica, que seguirá em constante “recriação”.

REFERÊNCIAS

Amato, Marco Antonio Pulice. *A poética do psicodrama: o grupo autogerido e a dinâmica da cena*. São Paulo: Aleph, 2002.

Aguiar, Moisés (coord.). *O psicodramaturgo J.L. Moreno, 1889-1989*. São Paulo: Casado Psicólogo, 1990.

Almeida, Wilson Castello de.(org). *Grupos: a proposta do psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999.

Alves, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. *A Escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

Arce, Raúl Enrique. *La docência frente al espejo – imaginário, transferência y poder*. Universidad Autonoma Metropolitana: México, 2004.

Aguiar, M. *Teatro espontâneo e psicodrama*. São Paulo: Agora, 1989.

Blatner, Adam e Blatner, Allee. *Uma visão global do psicodrama – fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Ágora, 1996.

Bustos, Dalmiro. *O psicodrama; aplicações e técnicas psicodramáticas*. São Paulo: Summus. 1982.

_____. *Perigo... Amor à Vista – Drama e Psicodrama de Casais*. SP: Aleph.

Cepeda, Norival Albergaria e Martin, Maria Aparecida. *MASP, 1970 – O Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2010.

Conselho Regional de Psicologia – 12º região. *Memórias da Psicologia Catarinense*. Florianópolis, 2011.

Cunha, Maria Isabel da. *A relação professor – aluno* in: Veiga, Zilma Passos. (coord.) *Repensando a didática*. Campinas: Papirus, 1996.

Cunha, Adelsa e Silveira, Carlos Alberto. *Por todas as formas de amor – o psicodramatista diante das relações amorosas*. São Paulo: Ágora, 2014.

Dalfovo, Michael Samir; Lana, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada. Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

Demo, P.. *Pesquisa e Construção do Conhecimento - Metodologia científica no caminho de Habermas*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 2a ed, 1999.

_____. *Conhecer & Aprender - Sabedoria dos limites e desafios*. ARTMED, Porto Alegre, 2000.

Diniz, G. *Psicodrama pedagógico – Teatro-Educação – Seu valor psicopedagógico*. Ícone, 2002.

Drummond, Joceli e Souza, Andréa Cláudia. *Sociodrama nas Organizações*. São Paulo: Ágora, 2008.

Fonseca, Filho, José de Souza. *Psicodrama da Loucura*. SP: Ágora, 1980.

Fleury, Heloísa J. (org.). *Intervenções Grupais na Educação*. Ágora, 2005.

Freire, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1996.

Garrido Martín, Eugenio. *Psicologia do encontro: J. L. Moreno*. SP: Ágora, 1996.

Gonçalves, Camila Salles, WOLFF, José Roberto, Almeida, Vilson Castello de. *Lições de Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1988.

Goulart, Íris Barbosa. *Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Ghiraldelli Jr., P. *O que é Pedagogia*. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Grossi, E.; Bordin, J. org. *A paixão de aprender*. Petrópolis: Vozes, 1992.

Holmes, P. Karp, M. *Psicodrama inspiração e técnica*. São Paulo: Agora, 1992.

Jares, Xésus R. *Pedagogia da Convivência*. Tradução de Elisabete Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

Libâneo, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

Ludke, Menga & André, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

Kaufman, Arthur. *Teatro Pedagógico: Bastidores da iniciação médica*. São Paulo: Ágora, 1992.

Kellermann, Peter F. *O Psicodrama em foco e seus aspectos terapêuticos*. São Paulo: Ágora, 1998.

Marra, Marlene e Fleury, Heloísa (orgs.). *Grupos: intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático*. São Paulo: Ágora, 2008.

Massaro, Geraldo. *Esboço para uma teoria da cena- proposta de ação para diferentes dinâmicas*. São Paulo: Ágora, 1996.

Maturana, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo horizonte: UFMG, 1998.

Monroe, Paul. *História da Educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

Moscovici, Fela. *Razão e Emoção: a inteligência emocional em questão*. Bahia: Casa da Qualidade, 1997.

Monteiro, R. *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Jogos dramáticos*. São Paulo: Agora, 1994.

Monteiro, André e Carvalho, Erly (orgs.). *Sociodrama e Sociometria: aplicações Clínicas*. São Paulo: Ágora, 2008.

Monteiro, André Maurício, Merengué, Devanir e Brito, Valéria. *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2006.

Motta, Júlia Maria e Almeida, Wilson Castello. *Psicodrama Brasileiro – história e memórias*. São Paulo: Ágora, 2008.

Moreno, J. L. *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Summus, 1994.

_____. *Psicoterapias de grupo e psicodrama*. Campinas: Editorial Psy, 1993.

_____. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodinâmica*. Goiânia: Dimensão, 1992.

Neto, Alfredo Naffah. *Psicodrama*. Ágora, 1979.

Not, Louis. *Ensinando a aprender – elementos de didática geral*. São Paulo: Summus, 1993.

Nosedá, Elena y Bustos, Dalmiro. *Manual de Psicodrama em la Psicoterapia y em la Educación*. Buenos Aires, RV Ediciones, 2007.

Pacheco, J. *Pequeno dicionário de absurdos em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Perazzo, Sérgio. *Psicodrama: O forro e o avesso*. SP: Ágora, 2010

Puttini, Escolástica F., Passos, Laurizete, Costa, Maria Cristina e Urt, Sonia (orgs.). *Psicodrama na educação*. Ijuí: Unijuí, 1991.

Puttini, Escolástica F. e Lima, Luiza Maria. *Ações Educativas: vivências com psicodrama na prática pedagógica*. São Paulo: Ágora, 1997.

Romãna, Alícia. *Psicodrama Pedagógico*, Campinas, Papirus, 1985/87.

_____. *Psicodramática y Educación Conciente – mapa de um acionar educativo*. 1º ed.- Buenos Aires: Lugar Editorial, 2009.

_____. *Do psicodrama pedagógico à pedagogia do drama*. Campinas, Papirus, 1996.

_____. *Crônicas e conversas psicodramáticas*. São Paulo, Ágora, 1998.

Revista Brasileira de Psicodrama – *O Psicodramaturgo J.L. Moreno*. 1990).

Ricotta, Luíza Cristina (coord.) *Cadernos de Psicodrama – Educação e desenvolvimento*; Vol. 2. São Paulo: Ágora, 1991.

Rubinni, Carlos. Revista Brasileira de Psicodrama. Vol. 3, fascículo I, ano 1995.

Saltini, Cláudio J. P. *Afetividade & inteligência*. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

Wechsler, M. P. F. (2004). *Fragmentos: da conserva cultural à re-criação*. In: XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama. Bahia.

APÊNDICE A – Termo de consentimento**Termo de Consentimento livre e esclarecido**

Eu, _____, aluno(a) da Locus Partner RH, no Curso de Especialização em Psicodrama, nível I, declaro que estou esclarecido(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa “*Aplicabilidade da A Pedagogia Moreniana no Ensino do Psicodrama na Pedagogia Moreniana*” para estudo com publicação e/ou apresentação dos dados coletados, desde que sejam respeitados os princípios éticos sem nenhum prejuízo de natureza física, mental e emocional e que minha privacidade será preservada.

O mesmo será conduzido pela psicóloga Márcia Godinho Marques sob orientação da psicóloga Marcia Pereira Bernardes no período de 24/7/2015 à 25/7/2015.

Os resultados da pesquisa serão apresentados ao final da mesma, em forma escrita e em defesa pública nas dependências da escola Locus Partner.

Estou ciente que poderei, a qualquer momento, comunicar a minha desistência em participar do presente estudo.

Aluno

Documento de identificação

Márcia Godinho Marques (pós-graduanda)
CRP 12/05812

Prof. Orientadora Márcia P. Bernardes
CRP 12/0261

Florianópolis, 24 de julho de 2015.

ANEXO A - Poesia

Divisa

Jacob Levy Moreno

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.
Mais importante do que a poesia é o seu resultado,
Um poema invoca uma centena de atos heróicos.
Mais importante do que o reconhecimento é o seu resultado,
O resultado é dor e culpa.
Mais importante do que a procriação é a criança.
Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criador.
Em lugar de passos imperativos, o imperador.
Em lugar de passos criativos, o criador.
Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos e colocá-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos para colocá-los no lugar dos teus;
Então ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-às com os meus.
Assim, até a coisa comum serve o silêncio
E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:
O Lugar indeterminado, num tempo indeterminado,
A palavra indeterminada para o Homem indeterminado.

ANEXO B - Música

Espaço Liso
Paulinho Moska

Eu amo a causa, e não a conseqüência
Eu amo o Pensamento, e não a inteligência
Eu amo a Loucura, e não a consciência
Eu amo a paciência, eu amo a paciência
Eu amo o deserto, e não a muralha
Eu amo o mergulho, e não a medalha
Eu amo suor, e não a toalha
Eu amo a batalha, eu amo a batalha

Eu amo a alma, e não a pessoa
Eu amo a cara, e não a coroa
Eu amo a corrida, e não a linha de chegada
Eu amo a estrada, eu amo a estrada

Eu amo o agora, e não a memória
Eu amo a luta, e não a vitória
Eu amo o fato, e não a história
Eu amo a trajetória, eu amo a trajetória
Eu amo o bem forte, e não o assim
Eu amo o papel, e não o cetim
Eu amo pra onde vou, e não de onde eu vim
Eu amo o meu meio, e não o meu fim